



"Este livro publica a poesia de Carolina Maria de Jesus. A dimensão polêmica da expressão *poesia popular* indica autoria e radicaliza vertiginosamente a discussão: trata-se de poemas escritos por alguém do povo. No caso, pela negra Carolina Maria de Jesus, moradora ou ex-moradora da favela do Canindé, vendedora de papel usado e empurrada para a posição de fenômeno das Letras a partir da publicação de seu *best seller Quarto do despejo*."

MARISA LAJOLO

"Mais ainda: a poesia que se vai ler neste livro é a prova viva de uma vida que não se deixou apagar pela solidão e venceu o esquecimento a que estava destinada."

ARMANDO FREITAS FILHO

EDITORA UFRJ

ISBN 85-7108-175-1



9 788571 081758

Carolina Maria de Jesus

Carolina
Maria de Jesus

Antologia Pessoal

Organização
JOSÉ CARLOS SEBE
BOM MEIHY

Revisão de
ARMANDO FREITAS FILHO

EDITORA

Desde que os poetas foram convocados a “dar um sentido mais puro às palavras da tribo”, o abismo entre a linguagem do poema e a fala comum não parou de crescer. Alguns poetas urbanos e cultivados tentaram vencer esse abismo recorrendo ao coloquialismo e ao formato do cordel, sem contudo obter significativo aumento de audiência entre as camadas populares. Por outro lado, as tentativas da “tribo” de se expressar liricamente só são aceitas quando envolvidas em música popular. Na página impressa do livro, como diz o samba, “o morro não tem vez”. Em uma de suas “quadras” bem ao gosto popular, Carolina Maria de Jesus sintetiza a situação:

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa.

Note-se que o “branco” antagonista aqui não é o da página vazia, mas também “proscree o sonho”, além de diagnosticar o desequilíbrio e receitar a terapia...

Esta *Antologia Pessoal*, que reúne boa parte da produção poética da autora de *Quarto de despejo*, possui, além de evidente valor testemunhal, um valor literário nada desprezível. Por isso é preciso não ceder à tentação de “corrigi-la”, seja querendo trazê-la para o “bom caminho” do verso livre modernista ou para a “linha correta”

Antologia Pessoal

UFRJ

Reitor *Paulo Alcantara Gomes*

Vice-reitor *José Henrique Vilhena de Paiva*

Coordenadora do Fórum

de Ciência e Cultura *Myrian Daueberg*

EDITORA UFRJ

Diretora *Helôisa Buarque de Hollanda*

Editora-assistente *Lucia Canedo*

Coordenadora de Produção *Ana Carneiro*

Conselho Editorial

Helôisa Buarque de Hollanda (Presidente),

Carlos Lessa,

Fernando Lobo Carneiro,

Flora Süssekind,

Gilberto Velho e

Margarida de Souza Neves.



Carolina Maria de Jesus

Antologia Pessoal

Organização

JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY

Revisão de ARMANDO FREITAS FILHO

EDITORA UFRJ

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão de Processamento Técnico – SIBI/UFRJ

Jesus, Carolina Maria de

J58a

Antologia pessoal / Carolina Maria de Jesus. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
236 p.; 12 X 18 cm.

1. Jesus, Carolina Maria de. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: 869

ISBN 85-7108-175-1

Projeto Gráfico e Capa

Adriana Moreno e Ana Carla Cozendey

Revisão

Cecília Moreira

Cristiane de Almeida

Universidade Federal Do Rio de Janeiro

Forum de Ciência e Cultura

Editora UFRJ

Av. Pasteur, 250 / sala 106 – Rio de Janeiro – RJ

CEP 22295-900

Tel.: (021) 295 1595 r. 124 a 127

Telefax: (021) 542 3899 – Fax: (021) 295 1397

Apoio:



Fundação Universitária José Bonifácio

Sumário

O inventário de uma certa poetisa <i>José Carlos Sebe Bom Meihy</i>	7	O ébrio	93
		Prece de mãe	96
		Ô infeliz....	98
		Sou feliz	101
Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina <i>Marisa Lajolo</i>	37	A carta	102
		Porque	105
		Riso de poeta	108
		Uns beijos	109
		As aves	111
A vida por escrito <i>Armando Freitas Filho</i>	63	Pensamento de poeta	113
		Mamãe	114
		Trinado	116
Dr. Ademar de Barros	65	Washington Luiz	118
Mãe é sempre mãe	67	Solteirona	119
Meu Brasil	68	O lírio	122
Inspiração	70	A passarada	125
Lua-de-mel	73	A rosa	127
Súplica de mãe	77	Ingenuidade	128
Deus!	79	Mistério	129
Saudades de mãe	81	Desilusão	130
Súplica do encarcerado	83	Noivas de maio	132
Vai vai	85	Getúlio Vargas	135
Minha filha	86	Súplica do mendigo	136
O marginal	87	Mentira	139
Poeta	91	Remorso	142

Presente 144	Súplica de um cego 183
Devaneio 145	Maria Rita 184
O colono e o fazendeiro 147	Maria Rosa 186
Pobre inocente 150	Evocação 189
Súplica de amor 153	A velhice e a mocidade 190
Segredo oculto 154	O filho 192
O turco e o lampião 155	Meus filhos 196
Quero-lhe 156	Quadros 197
Meu avô 157	Um caipira 214
Festa dos bichos 158	O homem 217
O exilado 160	Anseio 218
Em que pensas? 161	Por que chora? 219
Carta de luto 162	Hino ao amor 220
Arualdades 164	Kennedy 222
A vida 166	O expedicionário 224
Noite de São João 167	Prisão de amor 226
Reminiscências 168	Primeiro amor 228
Dá-me as rosas 169	Visita 230
Ao meu amor 170	Estátua de pedra 231
Tristeza 171	Dona Leonor 233
Hipocrisia 172	Vidas 234
O juiz 173	
Sonhei 174	
O prisioneiro 175	
Minha pátria 177	
Rico e pobre 179	
O devoto 180	
O pequenino 182	

O Inventário de uma Certa Poetisa

JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY

*Tardio e lento foi o processo de admissão da poesia popular na República das
Lavras. Ainda hoje, os círculos literários reservam-lhe lugar periférico e restrito.
Lançam-lhe de passagem olhares polidamente desconfiados, tratando de
manter as devidas distâncias. E mesmo assim, há quem ache sem cabimento
essa presença descredenciada nos salões ilustrados.*

Cláudia Neiva de Matos

A vesso de uma versão da História brasileira que sempre se exibiu racialmente democrata, cordialmente tecida em incruentas tramas, Carolina Maria de Jesus foi voz desafinada na ladainha de nossas trajetórias oficializadas. Seu enredo de vida pessoal e pública foi, até certo ponto, testemunha surda, suja e sem nexos na lógica de uma cultura que diz buscar justiça social, direitos humanos e igualdade feminina.¹ Explicada nos quadros de um país que se construiu moderno nas pisadas do progresso acelerado, imposto pelo programa de uma industrialização centrada no sul brasileiro, Carolina viveu cenários que no âmago dos *anos dourados* a contextualizavam como um *fenômeno*. Estranho fenômeno, é verdade, costurado nas malhas da especificidade de uma época única em nossa cultura. Balizada

entre duas ditaduras – na do Estado Novo, que findava no febrão libertário do pós-guerra, em 1945, e na nascente de outra, frutificada depois de 1964, sob o regime militar –, a maturidade de Carolina Maria de Jesus empatou: desgraça, fama, esquecimento com euforia e ilusão de um país emergente.

Para além de sua saga pessoal, a do país mostrava a passagem do eixo da produção econômica rural para a urbana e, conseqüentemente, o desmerecimento de políticas agrícolas em favor de outras mais aptas ao desenvolvimento capitalista moderno. É claro que este processo de transformações afetava a vida do conjunto da população, principalmente de setores que viram invertidas as alternativas de vivência no campo.

Na cidade grande, depois de muito penar, tornou-se escritora famosa, quase que do dia para a noite, graças aos rascunhos acumulados ao longo dos anos e curtidos em amargas frustrações. Carolina Maria de Jesus, conhecida como a escritora que saiu das favelas de São Paulo, emblejava um tipo útil aos ecos de qualquer dos projetos políticos existentes então. Vinda de *baixo*, servia como metáfora da mobilidade social positiva e até progressista e, neste sentido, era a prova tangível de uma versão tropical do mito da *self made woman*. Os políticos sabiam disto. Valia também sua imagem, para os opositores do modelo industrializante que se planejava, como testemunha viva da denúncia necessária.

Estes outros políticos também sabiam disto. Sua história, contada e cantada em prosa e versos, era chaga aberta das condições impostas aos miseráveis, filhos excluídos do *desenvolvimentismo* juelinista do fim dos anos 50. Sua experiência pessoal, como faca de dois gumes fatais, atingia pela direita e pela esquerda. Dependia do uso. Uso de seus escritos e de sua imagem.

O alcance de seu livro mais importante, *Quarto de despejo*, colocado a público em 1960, projetou-a como sucesso inquestionável, ainda que fátuo, marcante². A glória de Carolina era perturbadora, mas, dadas as seqüentes ondas de apagamento de sua produção publicada, o sucesso funcionou-lhe como contraponto intermitente no céu nacional prenhe de literatura de mulheres bem nascidas³. Neste sentido, o aparecimento de Carolina no mundo reconhecido e público dos brancos era uma *licença democrática*. O discreto charme da burguesia nascente, contudo, não continha o mau cheiro de lixos alimentadores de misérias escondidas em favélas que inchavam as promessas de megalópoles. Explícita citação disto é dada pelo tratamento crítico-literário e historiográfico legado à obra da escritora que, depois de figurar como “estrela de um novo tempo”, foi apagada, sendo esquecida porque sua história se desbastou entre nós arredondando diferenças. Enfim, a lógica do tempo mostrou-se senhora da razão: o silêncio colocou todas as coisas (e pessoas) no *lugar devido*.

Hoje, passados quase quarenta anos do fulgor provocado pelo *Quarto de despejo*, pode-se permitir reflexões mais amplas sobre o impacto da vida da escritora, que deixou inédita grande fração de seus escritos, mantidos pela filha Vera Eunice de Jesus Lima. Isto exhibe, mais que a face pragmática do uso da pobreza, o sentido oportunista de uma cultura elitista que poderia ter-se aberto como fator de mobilidade social. Caso ocorresse, poder-se-ia acreditar na efetivação prática do discurso da contracultura que despontava.

Composições variadas – variadíssimas – constituem o inventário da escritora favelada. Mesmo antes de abordar sua produção poética, até à guisa de aviso aos navegantes de mares surpreendentes e acidentados, deve-se garantir que, em face dos cânones sagrados da Literatura (com “L” maiúsculo), a qualidade de seus escritos é de uma pobreza estilística que faria arrepiar até mesmo os mais tolerantes críticos. Sem levar em consideração o contexto da produção da obra, a poesia de Carolina padecerá de lastimáveis comparações com os escritos dos autores consagrados não como uma produção que precisa ser vista com os olhos de sua estrutura circunstancial e de seu código expressivo próprio.

Carolina foi autora relevante, considerando o grau de esforço pessoal – este sim, inédito e original –, por ter produzido uma obra de destaque num momento em que as mulheres, até mesmo as brancas – apesar das

Lispector, Meirelles, Carraros e outras –, tinham ainda que vencer dificuldades para parecerem capazes de figurar no cenário nacional. Seria pouco considerá-la mais uma mulher no contexto da onda de escritoras que se levantava. Era também negra, pobre, de poucas letras e nenhum recurso econômico.

Não é o volume dilatado de páginas que impressiona e clama atenção para esse conjunto único na cultura eufemisticamente apelidada de *popular brasileira*. Nem o é a coerência de gêneros, posto tratar-se de quatro romances, diários, contos desiguais e poemas de arremedos épicos, trágicos e simplisticamente líricos.

Independentemente da cobiçada *qualidade textual*, a explicação que justifica zelo face a estes textos remete ao quilate social da mensagem e à expressão da vontade comunicativa de uma mulher que, sabendo-se segregada, jamais aceitou a condição de submissa, favelada, mãe solteira, inferior. Seu registro, constantemente biográfico, funcionava como documentação de experiências até então jamais autenticadas por autorias de quem padecia vida miserável. Entre seus escritos e o resto do mundo haviam que se constituir vasos comunicantes capazes de correr realidades pouco percebidas por uma cultura domesticada para perceber o belo aristotélico (bom porque bonito, bonito porque prazeroso, prazeroso porque certo).

Vale assinalar que à época grassava um realismo jornalístico que promovia, por exemplo, um Nelson Ro-

drigues que já decretava “a vida como ela é”, desmentindo na tragédia a ironia natural da realidade. Simultaneamente, em São Paulo como em outros grandes centros, desenvolvia-se, junto com a crônica urbana, o *jornalismo de investigação* e o *testemunhal* que, por fim, atestavam paradoxos entre o progresso material de uns e as diferenças de outros. A *denúncia* celebrava-se como ideal discursivo para o público nascente da crítica da classe média que lia jornais e comprava livros.

Mesmo sem noção do rumo a ser dado ao destino que se lhe mostrou risonho em certas oportunidades, Carolina Maria de Jesus acatou o isolamento social decorrente que, se desde antes cultivado, reafirmara-se-lhe como ninho natural depois de experimentado o *outro lado*. Isto prova que em vez de se integrar em uma categoria social capaz de classificá-la além da negritude, ou vir a ser militante de um tipo social que despontava, a alternativa escolhida, de reclusão no sítio que logrou comprar – único bem conseguido –, foi a negação do mundo. Negação esta mais coerente com um passado do que com o presente vivenciado pela escritora mercadorizada⁴.

Negra, favelada, sozinha, semi-analfabeta, cabeça de família e pretensamente de oposição à ordem estabelecida, Carolina teria tudo para não dar certo. Neste sentido, suas constantes contradições argumentativas e vivenciais, antes de diminuí-la, a engrandecem, pois a tornam mais *normal* em sua *anormalidade contextual*.

Excluídos os estalados momentos de *glórias*, sua obra não se constituiu em exceção do tratamento racista que a sociedade delegava aos que habitavam as franjas do progresso. Fora da moldura que segurava seu retrato, pálido para a efetiva sociedade dos brancos, ela não conseguiu praticamente nada. Sequer exibiu-se poetisa.

Carolina Maria de Jesus, a autora de diários, foi expulsa de uma situação única onde o sucesso de uma negra poderia ter ocorrido além do destaque como cantora ou esportista. Ela só conseguiria, contudo, ter existido enquanto *exceção cultural* e alguém feito para aquele momento exato. Assim mesmo, precisou do prestígio de um homem, branco, já reputado jornalista, Audálio Dantas, para apresentá-la à sociedade brasileira. Sozinha, possivelmente pouco teria feito além de cuidar dos filhos e catar papel.

Houve, na possível passagem de Carolina do mundo dos marginalizados para o dos contrários, um ritual de seleção. Isto interessa pois explica razões não expressas pela sociedade que cria, para consumo próprio, *fenômenos* advindos das camadas populares. Críticos ferrenhos da escritora pobre – entre eles principalmente Wilson Martins – insistem em considerar a produção dela como *editada* ou *produzida*, sugerindo, sem sutilezas, que seria um produto oportunista de Audálio Dantas e de empresários atentos ao crescimento do mercado de consumo de livros⁵.

MAS QUEM ERA MESMO ESSA TAL CAROLINA?

Negra retinta, daquelas saídas das entranhas de Minas Gerais, do vilarejo de Sacramento, no Triângulo, sem ter experimentado em sua estirpe miscigenação alguma, Carolina foi favelada na metrópole paulistana desde 1947. Antes, porém, perambulou pelo interior do estado de São Paulo em busca de um pano de fundo que a aceitasse como produto de alguma história mais integrada.

Carolina queria juntar sua vida à de algum segmento nacional respeitável que a incorporasse, minimamente, como cidadã. Disto, aliás, nunca abriu mão, jamais deixando de aspirar a ser, pelo menos, *classe média*. Tal propósito custou-lhe incômodos porque, sendo quem era, restava-lhe compor, no máximo, o contingente de reserva dos meios de produção de um capitalismo mais que selvagem.

Carolina Maria de Jesus foi mulher só e sozinha por opções intermitentes, compondo o perfil de pessoa que não aprendeu a se soldar em coletivos e que não poderia se igualar a pares que, aliás, eram inexistentes. Ela foi: mãe solteira quatro vezes (ainda que apenas três filhos tenham sobrevivido), sendo que cada um dos pais de seus filhos era declaradamente branco e estrangeiro; empregada doméstica demitida de várias casas onde trabalhou conjugando etapas de *emprego* com papéis gratuitos em circos baratos; vendedora ambulante de

bebidas em esquinas suspeitas; limpadora de longos corredores de hospitais e hotéis.

Como catadora de papel nas ruas de uma São Paulo então desvairada pelo agito dos anos 50 – que abrigou a comemoração do Quarto Centenário da Cidade que mais Cresce no Mundo –, Carolina Maria de Jesus experimentou nisso uma profissão compatível com seu projeto de sobrevivência. Tudo sem que deixasse de experimentar o tormento constante da fome, os contornos da miséria que, mais que a ela própria, perseguiu a infância de seus filhos e a fez sentir, depois do sucesso, o ferro quente de uma imprensa que a marcou como objeto permanente da contradição entre o desenvolvimento econômico nacional e os problemas da marginalização, entre uma cultura aberta e outra elitista.

Contemplando o périplo conjuntural que a explicava pergunta-se: de quantos contrastes se compôs a vida de Carolina Maria de Jesus? Mais, pelo lado pessoal, com quantas mágoas foram conjugados os verbos auxiliares do movimento progressista brasileiro que compreenderia uma negra escritora? De que memória nacional falamos quando remetemo-nos à experiência do *fenômeno* legado ao abandono ou à mera curiosidade, particularmente de estrangeiros? Qual figura deslocada de alguma África, seria Carolina Maria de Jesus mais um exercício intelectual de um país que supõe – e só sabe pensar desta forma – que todas variações são *idéias fora do lugar*?

Constantemente com lenço na cabeça, com o nó estrategicamente colocado para a frente, o que permitia que as pontas lhe enfeitassem os ombros largos e garantissem porte de soberana, Carolina foi nossa estranha *moura (des)encantada*. Afinal, ela era um outro lado do que Caetano Veloso chamou, no cume da euforia da época, em 1968, de Alegria, alegria. Sem documentos nem passado registrado — o que impossibilitava dizer exatamente quantos anos tinha —, tudo o que possuía até que começasse a ser parte do mundo dos brancos era uma fotografia com seu filho João. Uma foto colorida, dessas tiradas à moda das famílias probas e como a dos que emprestam tintas de triunfos alheios para sobreviver. Nem local fixo existiria para constatar, como o conepterrâneo Drummond, a reclamada dor de ter a cidade natal como apenas um retrato na parede.

Mas Carolina existiu. Mulher de temperamento forte, foi personificação do modelo de brasileira suscetível às variações de uma época que viu a bossa-nova nascer no mesmo instante em que se criava o rock nacional; a construção de Brasília; a instalação da indústria automobilística que colocava o fusca ao alcance de novos consumidores; as filhas do também mineiro presidente JK debutarem em Versalhes e Juca Chaves ser chamado de *menestrel maldito*.

Descoberta em 1958, dois anos depois Carolina foi apresentada por Audálio Dantas ao público leitor pro-

gressista, naqueles dias em que Dolores Duran compunha e Maysa Matarazzo e Elizeth Cardoso cantavam conjuntamente com os emergentes João Gilberto e Antonio Carlos Jobim. Ao lado do gênero *dor de cotovelo* das primeiras damas da música que se esgotava em sambas-canções pessimistas e das toadas *classemedia-nas* dos segundos, Carolina escrevia muito. Não só músicas — sambinhas pobres também foram perpetrados por ela — mas, ao lado de múltiplos gêneros, principalmente, versos agarrados nas linhas do simplismo, da rima mais que fácil e da repetição. Carolina foi e era por auto-definição *poeta*. Sequer dizia-se *poetisa*. Sem entender o significado disto, tudo que for dito sobre ela soará pouco e, mais que incompleto, vazio.

Os poemas *bonitinhos* de Carolina formularam costuras de uma interiorização épica suburbana que, miseravelmente subdesenvolvida, realizava-se como tradutora de repetições cadenciadas pelo monótono da vida que tem que lutar diuturnamente para sobreviver. Feita na forma, suas poesias eram uma espécie de *primos pobres* da beleza consagrada. Coetânea dos concretistas, Carolina era a encarnação da resistência, do tradicionalismo e da memória que fugia do novo.

Os versos *toscos* de Carolina eram, contudo, rima rica da essência do que de mais miserável tinha o nosso progresso. Eram também a depravação da beleza pura e a subversão de uma ordem da qual constavam Vinícius

de Moraes, Lygia Fagundes Telles, João Cabral de Mello Netto, Carlos Drummond de Andrade *et alli...*

Homero acaipirada, de saias de estampas vivas, Carolína era navegante de um mar de transformações. Ela é quem ia ser conquistadora do mundo. Assumindo o papel de Penélope masculina, invertida Ulisses.

Sua épica pessoal ficava na lembrança de um passado que só ela poderia recriar, como nas histórias recontadas depois em prosa, mas especialmente em versos. Estranho como insistia em manter temas em variações genéricas, mas sempre repetia que era poeta. Em um de seus mais bonitos e singelos textos, no Prólogo escrito para o que seria o seu primeiro livro de poesias,⁶ afirmava que os poemas eram, a seu ver, o que de melhor possuía. Ou, pelo menos, era o que mais gostava. Por isto, preocupou-se em escrever: "Nesta primeira obra poética que apresento, desejo relatar aos ilustres leitores como foi que percebi minha aptidão poética". E continuava a narrativa evocando a infância, trazendo na ponta da agulha a explicação dos versos feitos desde a alfabetização promovida por uma senhora espírita: "Quando completei sete anos, minha saudosa mãe enviou-me a escola, o 'Colégio Allan Kardec', na minha terra Natal, Sacramento Estado de Minas Gerais". Pena que até o presente os ilustres leitores condenados não tenham tido acesso à poética carolinana.

É certo que ser poeta lhe evocava nobilidade e nobreza e isto era tudo o que se lhe fazia necessário para se

distinguir do grupo de outros negros analfabetos e de pobres esquecidos no mundo rural. Esta mesma Carolína que aspirava a modos finos de vida apaga de sua temática memórias da terra natal. Apenas recompõe figuras idílicas através da reconstrução do avô, o *Sócrates africano*, e da mãe sofrida. A genealogia idealizada lhe serve como recurso imaginado para explicar a infelicidade constante. E como sofrer era-lhe vital. Ser vítima seria, por fim, sina de verzejador como ela mesmo afirmava no seu Riso de poeta⁸:

Poeta, por que chora?

Que triste melancolia.

É que minh'alma ignora

o esplendor da alegria.

Este sorriso que em mim imana,

A minha própria alma engana.

Passei a vida a idealizar

sem concretizar

um sonho sequer.

Pretendia me casar

E ter um lar

com filhos e a mulher.

Mas nem sempre se realiza

o que a mente idealiza.

*Vim ao mundo predestinado
a viver só e abandonado
como coisas abjetas.*

Hoje sou desiludido:

Amei e não fui correspondido.

Deus não protege o poeta.

Houve, com o sucesso editorial de seu diário, um desvio na orientação poética de Carolina. Embora pretendesse manter o que achava a princípio ser seu destino, acabou por ser conhecida como autora deste gênero. Isto faz com que seja revista a circunstância do aparecimento dos escritos do *Quarto de despejo*, pois foi através deles que a negra escritora surgiu no mundo dos que naqueles dias achavam que o Brasil poderia dar certo.

Conta Audálio Dantas, então jovem repórter, que, indo para a antiga – e extinta – favela do Canindé, em São Paulo, exatamente onde hoje está sediado o monumental estádio de futebol da Associação Portuguesa de Desportos, por acaso, lá encontrou uma mulher bradando contra os adultos bêbados que estragavam um pequeno parque de diversões, instalado pela Prefeitura Municipal, para as crianças. A ameaça de colocá-los no *livro* (que dizia escrever) atraiu a atenção do curioso repórter.

Em sua casa na favela, Dantas tomava contato com os escritos de Carolina guardados em cadernos catados na rua. Em particular, chamou-lhe atenção, entre os muitos

volumes, passagens de um diário que revelava, de forma candente e sincera, o teor da vida cotidiana da escritora⁹.

MUSA REPARTIDA ENTRE A INSPIRAÇÃO

.....UNIVERSAL E O AMOR ROMÂNTICO

A leitura do conjunto da obra de Carolina Maria de Jesus, considerando-se principalmente os textos não publicados, equivale a uma viagem surpreendente. Não tenho pudor em colocá-la como uma das mais profundas experiências que a vida acadêmica tem me oferecido. Seria difícil sair indiferente da leitura destes textos, principalmente quando se tem uma formação tradicional. Impossível, diga-se melhor.

A análise desses escritos – distanciada no tempo de sua produção, amainadas as paixões – munida de pressupostos de historiador social da cultura, desprezando-se correntes estilísticas colocadas para crivar como *intelectual* aquela produção, permite rever as considerações estabelecidas sobre o papel daquela mulher negra — e o sentimento de sua produção — enquanto alguém que almejava a fatia possível no mundo dos letrados. Decorrido o tempo, é-nos permitido ir além do ataque/defesa de uma obra instigante que exige ser, mais que retomada, vista por inteiro, ou pelo menos em sua essência.

O total de 37 cadernos revela, mesmo na pobreza estilística, desigualdades quer nos gêneros, quer na expres-

são dos conteúdos. De semelhantes ficam os registros feitos em letras claras, grandes, naturais e definidas que, aliás, exibem um outro lado da especial personagem que ela foi. Em conjunto, os escritos deixados somam-se em cerca de quatro mil páginas manuscritas, cuidadosamente recolhidas por ela própria e mantidas agora com zelo comovente. Antes, porém, devem ter passado por situações precárias, visto que certas páginas foram molhadas e encontram-se ilegíveis.

O volume, contudo, é muita coisa até para profissionais da escrita. Se é verdade que isto interessa, sob muitos pontos de vista, para pessoas preocupadas com a história cultural brasileira, a produção de Carolina revela-se como um monumento pelo menos intrigante.

É conveniente esclarecer que não se destaca a *genialidade* criadora desta mulher. Ela foi original, não pelo *que* escreveu, mas sobretudo por *como* o fez e apresentou sua mensagem. Entre um extremo socializante e um romantismo de viés pessoalíssimo, ela transitava pelas motivações imediatas. Não lhe faltava espaço a ocupar.

A circunstancialidade na vida de Carolina Maria de Jesus parece ter atendido aos reclamos de sua luta pessoal na direção do sucesso. “Ela queria aparecer”, repete sempre sua filha, em depoimentos vários. *Aparecer* como personagem do mundo das letras, contudo, implicaria para ela, e para outros tantos, a invenção de

uma outra república. Eram duplas as jornadas de tragédias que pretendia: seus poemas revelam uma perspectiva amaldiçoada das *pessoas famosas* e ao mesmo tempo o desejo de integrar este grupo¹⁰.

Entre os poemas não selecionados por ela em sua antologia, um chamou atenção por remeter à essência de sua proposta vivencial:

VIDAS¹¹

Nem sempre são ditosas

Vidas das pessoas famosas

Edgar Allan morre na sarjeta

Na guilhotina Maria Antonieta

Luiz de Camões teve que mendigar

Gonçalves Dias morre no mar

Casimiro de Abreu morre tuberculoso

Tomaz Gonzaga, louco furioso

Getúlio para impedir outra revolução

Suicida-se com um tiro no coração

Santos Dumont inventor do avião

Que foi utilizado na revolução

Para ver o Brasil independente

Morre na força nosso Tiradentes

Luis XVI, rei incidente

Morre tragicamente

Sócrates foi condenado a morrer

Ciente lhe obrigaram a beber
João Batista repreendia os transviados
Foi preso e decapitado
Abraão Lincoln abolindo a escravidão
Foi morto à traição
Euclides da Cunha escritor proeminente
Sua morte foi cruelmente
Joana D'Arc vendo a França oprimida
Defendendo-a pagou com a vida
Camilo Castelo Branco foi escritor
Ficou cego, suicidou-se
Kennedy desejava a integração
Reprovaria a segregação
Foi morto à bala
Na cidade de Dallas
Jesus Cristo não foi julgado
Foi chacinado e crucificado
Com requinte de perversidade
O pior crime da humanidade.

Importante notar que este poema revela, na parte inicial, uma série de referências a escritores para depois fazer menção aos políticos e, finalmente, uma crítica significativa ao golpe militar e aos excluídos do processo político ditatorial.

A identificação de Carolina com os perseguidos era uma espécie de conclusão de sua história. Era também

um pólo de identificação com os não-compreendidos. O não-reconhecimento em vida e a exclusão fechavam a circunferência que cercava os refutados que seriam aceitos depois. Escrito na última década de sua trajetória, este poema revela um certo domínio do tema marginal/maldito ainda que o instrumental de gramática se mantivesse comprometido. Na mesma linha, a visão universalista de Carolina é interessante. No caso do presente poema, a temática da justiça supera fronteiras e propõe aproximações várias.

Considerando a obra dos chamados poetas negros, e as definições correntes sobre poesia negra, dificilmente poder-se-ia classificar Carolina como tal. Como não é a utilização de uma temática anti-racista nem o fato de ser negro, epidermicamente falando, que caracteriza a poesia negra, tem-se que no caso de Carolina inexistente a emergência de *um eu enunciador negro*. O que resta é *um eu titubeante entre si mesmo e o universalismo*.¹² É evidente que os textos poéticos de Carolina refletem aspectos dessa cultura, mas sua vivência ultrapassa a exclusividade de qualquer compromisso com uma *causa negra*. Neste ponto, sua experiência poética foi paralela à posição de Augusto dos Anjos e contraste perfeito de Solano Trindade, ambos negros.

A universalidade da poética caroliniana não remetia apenas ao ser humano. Não. Há, entre seus cadernos, um em especial, que também guarda "outros" poemas. São

poemetos (ainda menores) que não mereceram ser selecionados na antologia que fez. De quatro poesias (Você me namora, Quem foi que disse, Festa dos bichos e Maria Rita), parece que Festa dos bichos revela o mesmo espírito universal – e até comportaria dizer “anarquista” – que a autora assume quando deixa o lado exageradamente romântico e pensa o social. Vejamos um exemplo:

FESTA DOS BICHOS¹³

*Escuta e presta atenção
Na historia que vou contar
A cobra e o rei leão
Amavam ia se casar*

*A cobra estava elegante
Seu vestido que beleza
O tigre e o elefante
Eram serventes da mês*

*Ouriço e dona onça
Da noiva eram os padrinhos
Com ouriço ninguém dança
pois tem medo dos espinhos*

*Urso cantou uma canção
O macaco respondeu*

*O sapo fez o refrão
Diz que a terra estremeceu*

*O macaco implicate
Começou a criticar
Dizendo que o elefante
Era feio pra dançar*

*Elefante ficou zangado
Nervoso não quiz dançar
Eu aqui sou delegado
precisam me respeitar*

*O macaco não obedeceu
Continuou a insultar
Ele é maior do que eu
Mas não dá prá começar*

*O lobo chamou o veado
É melhor ir-mos embora
O macaco está embriagado
Vai ter briga e não demora.*

*A discussão deu em nada
E a festa continuou
Mas veio uma chuvarada
por isso, o baile acabou.*

A singeleza não escondida mostra a *igualdade* revelada no humor maroto que não merece ser evocado como *carnavalização*. A abusiva preocupação com a rima fácil força o encaminamento de versos que sugerem imediatismo e despreocupação com qualquer cuidado crítico formal e até com o vernáculo que poderia ser retocado. Considerando exclusivamente estes versos, pode-se pensar que há paralelismos diferentes entre o poema anterior (Vida) e este último. Há um fator que talvez explique as distâncias: Carolina também compunha músicas. Isto é muito importante e a partir de tal suposição pode-se pensar que alguns de seus versos seriam feitos para serem cantados. Isto sugere ainda que as rimas insistentes obedeciam a uma tendência melódica.

Entre os documentos guardados pela filha Vera Eunice, há um *song book* intitulado também *Quarto de despejo*. As partituras nele contidas são das músicas de um *long play* que registrou com o mesmo nome do livro, onde foram gravadas, pela voz da própria Carolina, as seguintes músicas: Rá, ré, ri, ró, rua; Vedete da favela; Pinguço; Acende o fogo; O pobre e o rico¹⁴; Simplicio; O malandro moamba; As granfinas; A Maria veio; Macumba; Quem assim me vê cantando¹⁵. No *song book*, entre notas musicais igualmente singelas, na página central, fragmentos de Pinguço; Macumba e Quem assim me vê cantando.

Pinguço não foge, de jeito nenhum, da ideologia trabalhista proposta desde a chamada Era Vargas. Revela, isto sim, uma mulher que refuta a bebedeira e deixa espaço para crítica ao casamento com alcoólatras¹⁶:

*O pinguço chega em casa
Não compra nada e quer comê
Bate na mulher põe os filhos pra corrê.*

*Você chega de madrugada
Fazendo arruaça e chaveco
Além de comprar nada
Ainda quebra os meu cacareco.*

*O pinguço chega em casa
Não compra nada e quer comê.*

Falando para um homem, como se homem fosse, em Macumba ela escreve:

*Ti mandaro uma macumba
Eu já sei quem mandou
Foi a Mariazinha
Aquela mulher que você amou.*

Curiosamente coetâneo de Carolina, outro autor de características estranhas ao gosto dos consumidores

brasileiros, Adoniran Barbosa foi mais aceito. Homem, branco e legitimado paulistano, Adoniran diferiu de Carolina pelo humor. Humor que, logicamente, revelava interpretações diversas da poética. Adoniran, contudo, apesar de também ter sido legitimado por um intelectual de carreira, Antônio Cândido, e celebrado em gravações por intérpretes da estatura de Elis Regina, foi incorporado pelos versos. Carolina pelos diários foi momentaneamente aceita. Não pelos poemas que afogavam nostalgias em melancólicas rimas e desandavam a graça em piada.

A insistência romântica de Carolina a fez declinar outro verso amoroso de implicação interessante:

Quem assim me vê cantando

Pensará que sou feliz

Eu levo a vida pensando

No homem que não me quis

Ensinou-me a gostar d'ele

E disse: Minhalma é sua

Quando viu que eu lhe amava

Mostrou-me a porta da rua

Vai, vai, vai-se embora me deixa em paz

Vai, vai e não volte nunca mais.

Mais do que o esperado, o caminho do *Quarto de despejo* dera outra direção ao "reconhecimento público

co" de Carolina. A poesia ficara como algo pessoal. No final da vida, depois de passadas as ondas de sucesso, a ela retornou com insistência recortada. A primeira vez, em 1975, quando passou a limpo os poemas; a segunda em 1976, pouco antes de sua morte, quando fez ela própria uma antologia.

A POESIA SEM PÚBLICO

Os escritos de Carolina recontaram como mercado-ria. O consumo de livros passava, desde os anos sessenta, a ser cultivado como sinônimo de *status*. Restava a Carolina, para não continuar desconhecida, vir a público com o seu produto mais evidente triplicado: seus diários.

Segundo o interesse do consumidor, os livros de Carolina que formariam uma trilogia são: *Quarto de despejo* (1960); *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (publicado primeiramente na França e, postumamente, em 1986). Afora estes, os demais textos de Carolina foram pagos por ela mesma e ressoaram fracassos, como *Provérbios e Pedacos da fome*, de 1963. Mas, nesta constelação, a poesia na obra de Carolina como ficaria?...

A memória da Carolina poetisa ficou fora de qualquer alcance público. Tudo indica que apenas ela revigorava de quando em quando sua verdadeira vocação.

Outro lado do poema invisível de suas intenções é a constante e insistente lembrança que, de maneira intermitente, aflorava recobrando-a como *escritora*. Assim fica mostrado, sem disfarces, em reportagens como na revista *TV Contigo*, ao noticiar que ela seria motivo para um dos programas que à época tinham maior índice de audiência: *Caso verdade*.

O texto trazia uma aventura bem folhetinesca, a história de uma catadora de papel,

*fichada na polícia como indigente e
autora de um livro que arrebatava as
vendas até mesmo de Jorge Amado.
Logo em seguida, ela estava nas
colunas sociais, em festas e badalações.*

O que a fazia famosa, contudo, não eram seus versos e sim sua denúncia. Afinal não poderia ser diferente pois, segundo o mesmo texto, *Quarto de despejo* "chegou a vender 90 mil exemplares, traduzido em 13 idiomas e lido em mais de 40 países". A reportagem arrola a produção de Carolina considerando que, depois do primeiro sucesso, escreveu *Casa de abenaria* que, contudo, teve "três mil dos 10 mil exemplares encalhados" e que depois os *Provérbios* de Carolina Maria de Jesus venderam menos ainda. Isto era tudo e não cabia sua poesia em lugar nenhum¹⁷.

É difícil afirmar o nível de consciência do seu próprio papel enquanto escritora. Sendo privada do direito de escrever poesia, restava a Carolina viver do sucesso passado e dele tentar sobreviver com ou sem ele. Com certeza não deram espaço para sua poesia. Sobre a condição de escritora há uma declaração dela que surpreende quantos lhe cobrem qualidade. Ela declarou, já em 1961, que

*seu livro não foi escrito para homens
que se atrapalham com adjetivos,
sintaxes, verbos e substantivos. Não
escreveu para concorrer a prêmios na
Academia Brasileira de Letras. Escreveu
seu livro com a finalidade de retratar a
miséria imperante na favela.¹⁸*

Pobre e sem poesia Carolina morreu. A morte, contudo, não roubou sua figura e os poemas que seguem. A antologia que ela própria preparou é um beijo de um passado brasileiro que nunca passou. Graças a Deus. Ainda que não fosse pensando na poesia de Carolina, Cláudia Neiva de Matos parece ter sintetizado tudo sobre nosso popular, que, segundo ela,

*ficaria melhor albergada no terreno da
antropologia, da sociologia, quem sabe*

no da história das mentalidades. Há quem ache, na melhor das intenções, que ela deveria recolher-se ao seu lugar: e que seu lugar é lá fora, ao ar livre, ao sol e ao sereno, na boca do povo¹².

Tomara.

NOTAS:

- 1 Sobre o assunto leia-se Meihy, José Sebe Bom e Levine, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. Também publicado nos Estados Unidos, com o nome de *Life and death of Carolina Maria de Jesus*, pela New Mexico University Press: Albuquerque, 1995.
- 2 Imediatamente seu livro foi traduzido para várias línguas e até hoje é o mais vendido dos textos brasileiros em países como Estados Unidos, Alemanha e França.
- 3 Marisa Lajolo explora a inserção de Carolina Maria de Jesus, na nascente dos anos sessenta, entre "mulheres com caneta na mão e idéias na cabeça", em *A leitora no quarto dos fundos*. In *Leitura: teoria & prática*, Ano 14, jun/1995, nº 25, p. 10.
- 4 Carolina, depois de ter passado por surtos de sucesso, com o pouco que guardou do dinheiro que conseguiu acumular, comprou um sítio em Parelheiros e lá, de certa forma, procurou recriar, até a morte em 1976, sua vida de lavradora.
- 5 Wilson Martins publicou um artigo pesado acusando Carolina de ser produto da mão de Auddílio Dantas. O texto denominado *Mistificação literária* foi publicado no *Jornal do Brasil* em 23 de outubro de 1993, p. 4.

6 Carolina Maria de Jesus, dentre seus cadernos, deixou um que merece ser destacado: o que seria seu primeiro livro. É uma coleção de poemas que depois foram outra vez selecionados por ela para uma antologia. Juntamente com a edição dos poemas escolhidos por Carolina, decidiu-se pela publicação do *Prólogo* escrito por ela. Considera-se este texto como um dos mais importantes da produção da autora. Trata-se da versão original de sua história onde dados da vida pessoal, nunca antes registrados, são arrolados. Este, por exemplo, o caso da morte de uma filha sua.

7 O mesmo texto, no original, foi reproduzido no livro *Cinderela negra*. Revisto pela filha da autora, por volta de 1975, para eventual publicação, o texto apresenta-se com poucas alterações.

8 O fato de Carolina escrever no masculino deve ser examinado à luz de uma prática que ela assumia enquanto alguém que repletia os cânones transmitidos por formas tradicionais de visão de mundo.

9 No total são 37 cadernos, quase todos de "capa dura" — fato que revela cuidado na procura dos mesmos. Sabe-se com certeza que eram cadernos achados, pois alguns deles, além de páginas arrancadas, ainda guardam vestígios de usos anteriores.

10 Santos, Andrea Paula dos. *A Arte e a pobreza: a obra de Carolina Maria de Jesus*. In *Mephisto*. São Paulo: nº1, mar/abr/mail 1994, p. 18-19.

11 Este poema, possivelmente, deve ter sido escrito em 1966, posto que na última página deste caderno há o início de uma carta escrita para o animador de televisão Silvio Santos, datando de 26 de janeiro daquele ano.

12 As definições assumidas aqui derivam de Bernd, Zilá. *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: AGE Editora, 1992, p. 13.

13 Manteve-se a gramática conforme foi registrada pela autora.

14 Esta música se aproxima em termos de tema do poema Rico e pobre, mas não se confundem.

15 Na capa do song book, Audálio Dantas registrou que "Antes da publicação do livro – lembro-me bem – Carolina me falou de uns 'sambas' que escrevera em seus cadernos, mas confesso que não dei importância. Um dia, lá no barraco número 9 da Rua A, ouvi o José Carlos, a Vera Eunice e o João José cantarolando 'as músicas que a mãe inventou'. Gostei, mas nada disse, de medo que Carolina ameaçava (ela sempre desejou muita coisa) cantar no rádio". O copyright das partituras é da Fermata do Brasil, São Paulo: 1961. Dela, igualmente, os direitos para Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai.

16 Além desta música, os versos de Carolina guardam outra composição sobre o tema, intitulada O ébrio.

17 TV Contigo, Ano XXII, nº 389, 25/fev/83, p. 26.

18 Correio do Paraná, Curitiba, 8/abr/1961, p. 5.

19 Matos, Cláudia Neiva. A poesia popular na República das Letras. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p. 15.

Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina.

MARISA LAJOLO.....

*Se afeiçoares aos versos inocentes
Que deixo escritos aqui
E quiseres ofertar-me um presente
Dá-me as rosas que pedi*

As melhores questões sobre cultura popular são as que se debruçam sobre a ambigüidade do adjetivo *popular*. Quem é que *é* ou *precisa ser* popular? O sujeito ou o objeto da cultura? Ou seja: é popular a cultura feita *para* o povo? Ou a cultura feita *pelo* povo?

O risco das duas formulações é que via de regra o dito povo (quem? onde?) não participa nem dos prolegômenos nem dos finalmente de tal definição. Ao lado disso, na tradição brasileira dos estudos culturais, a qualificação de *popular* atribuída a um artefato cultural acaba, por diferentes razões, rebaixando o (pré)conceito do que é cultura.

Um tal rebaixamento torna-se ainda mais inevitável, quando a discussão se debruça sobre questões de *arte popular*.

Aí é que o *ser* ou *não ser*, *tupy* or *not tupy* torna-se, realmente, a questão. Melhor dizendo, a questão.

No caso deste livro que publica a poesia de Carolina Maria de Jesus, a dimensão polêmica da expressão poética popular indica autoria e radicaliza vertiginosamente a discussão: trata-se de poemas escritos por alguém do povo. No caso, pela negra Carolina Maria de Jesus, moradora ou ex-moradora da favela do Canindé, vendadora de papel usado e empurrada para a posição de fenômeno das Letras a partir da publicação de seu *best seller Quarto de despejo*¹.

Lançado em 1960 com estrepitoso sucesso, o livro foi imediatamente traduzido para diferentes línguas,² mas, não obstante suas também inúmeras reedições em português, o sucesso da autora parece ter sido efêmero: suas obras posteriores *Casa de alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963) e *Pedaços da fome* (1963), tiveram carreira bem menos expressiva e menos expressiva ainda é a acolhida, em 1986, da publicação póstuma de *Diário de Bitita*.

Simultânea ao silenciamento de sua obra, também a figura esguia e despenhada de Carolina, melancolicamente, vai deixando as luzes da ribalta: volta esporadicamente a catar papel pelas ruas de São Paulo e morre em 1977, esquecida por todos, num sítio em Parelheiros, única propriedade que lhe ficou de sua meteórica escalada no mundo das letras.

Dizem os que conviveram com Carolina que um de seus grandes desejos era ver editados seus poemas, que, no entanto, jamais atraíram a atenção de ninguém,

nem de editores, nem de jornalistas. Desinteresse, aliás, em nada surpreendente. Até hoje, é muito difícil publicar poesia, sabidamente o menos rentável dos gêneros literários: versos vendem pouco, sobretudo quando se compara o retorno que patrocinam ao retorno esperado quando da publicação de obras testemunhais, principalmente obras testemunhais que acenam com lucros que podem engordar muito com o estardalhaço de campanhas publicitárias bancadas pela mídia.

Assim, enquanto investimento, o *Diário de uma favelada* (subtítulo do livro *Quarto de despejo*) era sob medida: prometia e facultava o exercício consentido do voyeurismo impune por sobre cenas de pobreza explícita, cenas estas sempre raras na literatura brasileira. Afinal, favelas não costumavam (e ainda não costumam) protagonizar romances. Depois de *O cortiço* de Aluísio de Azevedo (1890), e de modo particular ao longo dos anos 50 e 60 deste nosso século, os sub-espços urbanos parecem ter-se reservado para a música popular, na qual, competentemente maquiados, recobriam sua degradação com promessas de felicidade conquistada por conquista e vizinhança: afinal, como aprendemos com a Ave Maria de Herivelton Martins, favela do morro “tem alvorada e tem passarada” e, sobretudo, já fica “pertinho do céu” ...

É, assim, esta favela de cartão postal que a favela paulista de Carolina desmonta e, ao desmontar, promete vender

bem, o que efetivamente acontece. Mas as tiragens de suas obras, mesmo sendo espetaculares para os anos sessenta, em nada contribuem para mudar significativamente a qualidade de vida da escritora. Carta inédita de Carolina parece sinalizar o que deve ter sido seu despreparo na necessária e até hoje assimétrica discussão entre o *produtor do texto* (o autor) e o *produtor do livro* (o editor).

Ela escreve a um editor:

*Há tempos que venho lhe escrevendo
para o senhor fazer outra tiragem do
Quarto de despejo. E o senhor nunca
respondeu-me, se ia fazer ou desistir.
Várias pessoas me pediam para lhe
escrever. Eu dizia: Já escrevi, mas, eles
não me atende. Quando completa 10
anos termina o contrato. Quando
completou os 10 anos, eu esperava que
a livraria me devolvesse os direitos. Mas
vocês ficaram omissos: pensei: quem
sabe eles vão fazer outra tiragem. E os
tempos foram passando. Agora que a
Edibolso, quer editar o livro eu cedi os
direitos para eles.*

Tão grande quanto sua inabilidade para lidar com certas cedilhas e outras tantas concordâncias é o com-

pleto despreparo de Carolina para mover-se por entre as astúcias de um sistema cultural complexo, semi-capitalista e semi-profissionalizado. Indefesa face às condições de um tal sistema, Carolina morreu pobre, uma vez que, como se viu, seus livros sequer representaram o capital cultural necessário para a tão sonhada publicação de seus versos. O que dizer, então, de sua obra encarada como investimento capaz de promover a tão sonhada ascensão social...

Assim, esta edição de seus poemas pela Editora UFRJ é uma espécie de reparação. Se reparação não refaz história, nem desfaz malfeitos, a chancela universitária que avaliza a publicação redime um pouco a velha tendência de nossa academia ao descuido, geralmente desatenta quando o assunto ultrapassa o espelho e vai além do próprio umbigo.

Por isso, a publicação póstuma desta Carolina poeta precisa também construir um sentido mais político para o mal-estar que nos acomete a todos, quando percebemos que, no círculo oficial de nossa literatura, cabem só uns poucos, geralmente brancos, muito frequentemente homens e necessariamente navegantes caleidoscópicos das órbitas scriptocêntricas da literatura... O sentido do político que precisa ser construído, então, consiste em desentranhar os mecanismos, tanto de *produção* quanto de *denegação de sentidos* a esta obra tão *gauche* em nossas letras.

Assim, ao lado de qualquer outro significado que este livro possa vir a ter, sua publicação representa um começo.

Poemas como os de Carolina são raríssimos na tradição brasileira letrada e podem, por isso mesmo, adensar e dar um norte a esforços contemporâneos da escrita de uma outra história da cultura brasileira. Não a escrita ingênua de uma outra história que retifique ou que substitua a *história em circulação*³. As histórias, como as estrelas do céu e os grãos de areia, são sempre — e precisam ser cada vez mais — multidão.

O que se quer é uma *outra* história que, convivendo dialeticamente com muitas umas, particularmente com a endossada pelas instituições oficiais da cultura, lhe ponha *nuanças*. Pois só assim, talvez, o tecido resultante destas várias histórias evite a submersão, na branquidade — e em todas suas aderências sócio-culturais —, do caráter mestiço e heterogêneo de uma cultura como a brasileira⁴.

Precisamos de uma história cultural que se construa a partir de categorias analíticas mais flexíveis. Categorias, por exemplo, que inscrevam a polifonia constituinte de nossa cultura na linguagem de que carecemos para um diálogo mais fecundo com as culturas irmãs da América e da África, como nós, às voltas com uma esquizofrenia de origem.

Negar estatuto de poesia a estes textos de Carolina, não obstante as sobejas razões que para isso forneçam

estéticas, teorias e críticas literárias, é vestir a carapuça que a autora põe à disposição de seus leitores quando, irônica, registra a divisão de trabalho instaurada na república das letras brancas e cultas. República solidificada com a argamassa fornecida pela crítica, pela teoria e pela estética literária:

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa.

Uma certa incapacidade prática (porque técnica) de Carolina vencer (n)este mundo que lhe reservava o papel de lavadeira é inevitável: afinal em poesia, como de resto na literatura que se pensa com letra maiúscula, ao contrário do que se pode pensar, não se admite ignorância das normas gramaticais. Melhor dizendo, só se admite a infração, e a infração precisa ser voluntária. Ou seja: não se pode ignorar a gramática, embora se possa infringi-la. Tolerar-se a infração, mas não o descolamento do que se infringe.

No entanto, os tropeços gramaticais de Carolina não embotam a agudeza com que ela intui a complexidade dos meandros do mundo no qual crises e contratos padecem integrar uma mesma esfera social. Tais tropeços também não obscurecem a intuição correta de que é

necessário arregimentar aliados para a travessia da fronteira e conquista da cidadania no mundo das concordâncias e das crises, onde fica – *sorry*, periferia – o território da poesia...

Em outra carta, anotações igualmente rápidas são suficientes para marcar a consciência de Carolina de que o mundo das letras nem paira nas nuvens, nem se move a inspiração. É, em vez disso, um mundo histórico, no qual a produção é intermediada por diferentes elementos. Neste mundo letrado, como sucede com a mercadoria, os setores produtivos são sensíveis a diferentes demandas, expandem-se em busca de diferentes produtos, a partir dos quais atingem diferentes mercados.

Trata-se, em resumo, de um mundo plantado num sistema social muito determinado, e por isso sujeito às diferentes convenções e leis que regulam suas práticas: da métrica aos direitos autorais, dos requisitos da boa literatura às cláusulas contratuais que regulam a venda de terras, tudo está menos ou mais previsto.

Dentre os personagens que marcam os compassos pelos quais gira a ciranda da produção neste mundo das letras, os mais emblemáticos são talvez os editores. Por força de sua posição no circuito, estes representantes do capital transformam a matéria prima, o *original*, em produto: o *livro*. E são extremamente ágeis, versáteis e atilados os editores. E Carolina sabe que interage com eles em situação de inferioridade.

Ela conta:

*... tive um encontro com uns jovens
que me visitavam quando eu residia
na favela. Eles eram estudantes e me
davam livros, e cadernos. Agora eles
são editores, vieram procurar uns
contos para publicar. Eles vão fazer
umas reportagens só com os escritores
negros eu dei uns contos para eles ler.*

Ao que tudo indica, Carolina não se dá conta de que não se *reside* na favela: na favela, no máximo, *mora-se*. Mas, se ela não tem luxos semânticos, ela sabe muito bem que precisa de outras semânticas, eventualmente construídas por outras vozes, que *falem por ela*. É assim que entra no horizonte de suas relações com o capital cultural, a hoje corriqueira e profissionalizada figura do *agente*, porta-voz do escriba:

*... se eu decidir escrever, quero que o
senhor se interessa (?) por mim.
O senhor falará por mim. Eu quero ficar
semi-afônica, com estes homens. E se
arranjar dinheiro para pagá-lo.
e assim, poderei dizer: que eu tenho um,
advogado.*

O intermediário, como bem compreende Carolina, é peça essencial, sobretudo no seu caso. O pedido de que o destinatário *se interesse por ela* é uma tradução, para a esfera da produção cultural, dos ambíguos pactos de compadrio e proteção que garantem, na imobilidade social produzida pela política brasileira, alguns benefícios de outra maneira inatingíveis. Como Carolina declara, de forma imprópria, mas compreensível, ela exerce seu direito de manter-se *afônica* nas negociações de sua obra, ao delegar ao *agente literário* a intermediação para a qual se sente despreparada, tornando-se o intermediário, com isso, mais do que mediador, uma espécie de tutor.

O ambiente sócio-cultural que contextualiza a obra de Carolina, tal como a autora o delinea em sua correspondência, parece justificar as desconfianças da poeta quanto à falta de transparência de suas regras, em nome das quais, inclusive, não foram poucas as vezes que se ergueram para duvidar que Carolina tivesse, efetivamente, escrito o texto de *Quarto de despejo*, acusando de constituir uma *falsificação jornalística*.

Ledo engano.

Se não houvesse outros e irrefutáveis argumentos em defesa de Carolina, estes poemas, personalíssimos, amariam a autoria à pessoa de Carolina, que se identifica sem sombra de dúvida pela feminilidade, pela negritude, pela pobreza e pelo desatavio intelectual⁵.

Traços que não tornam sua literatura *menos* literária. Nem menos *conservadora* e *problemática*...

Numa primeira observação, vemos que seus versos se tecem do cotidiano. Um cotidiano ora pungentemente lírico, ora miudamente realista, certas vezes estereotipado, outras tantas descoroçoado:

Porque vivo abandonada

E amargurada

Sentindo no peito a dôr

Eu quero alguém que me embala

E fala

Coisas bonitas do amor.

Brasil querido e amado

Por nossos antepassados

Gonzaga, Caixias, Herval

Vultos que honraram a nossa gente

Combateram heroicamente

Pela glória nacional.

No céu não há preconceito

Lá não pretere o pretos

Não há orgulho nem vaidade

Reino que para lá chegar

É necessário praticar:

A caridade

Como é sacrificada

A vida do trabalhador:

*O salário sobe de escada
Os preços de elevador*

*Choro: não sei o que faço
Que luta! Que aflição!
Tenho um homem nas braços.....
E outro no meu coração*

*O mundo inteiro
Pensa em algo qualquer
Há quem pensa no dinheiro
Há quem pensa na mulher*

Como se vê, comparecem a seus versos não apenas o lirismo dos amores não correspondidos, a queixa do homem e da mulher desamados e o lamento dos braços desencontrados do coração... Neles há também espaço para a decifração do sentido da vida, da aventura do ser humano sobre a terra, aventura esta muitas vezes transcrita em estereótipos e clichês e cifrada no cotidiano amargo dos pobres, onde, contra a plenitude física e metafísica, conspiram a falta de dinheiro, a prisão, a embriaguez, a violência, as relações sociais degradadas e a morte.

Nesta poesia, a transferência de imagens de um universo para outro ganha inesperados efeitos de sentido. No campo das metáforas amorosas, por exemplo, é muito forte a presença da vida cotidiana, no que esta manifesta dos acertos e desacertos da ordem econômica.

Metáforas como “inquilina do meu coração”, “beijos por sinal”, cartografam uma transferência de registros que tornam estranhos os sentidos corriqueiros de *inquilina* e de *sinal*. O procedimento prossegue no emprego sistemático do jargão econômico que, invadindo o poema, o contagia de linguagem jornalística, como a referência metrificada, porém prosaica, ao governante que “não deixou o dinheiro desvalorizar-se” (p.30).

Em outros momentos, os poemas de Carolina se formatam como histórias. Narrações linearmente simples de encontros e desencontros que ancoram a aventura humana ou a metafísica do encontro e do desencontro no lastro concreto *do que aconteceu em tal espaço, em tal tempo a tal ou qual pessoa*.

*Na minha palhoça
Era eu e a cabrocha
A querida Maria Rita
Do sertão a mais bonita.
Nossa casinha
Era muito bonitinha*

Tudo, como deveria mesmo ser, em metros menores, rimas pobres, estrofação irregular e um senso de musicalidade que obriga, às vezes, a poeta a re-escrever-se.

Carolina re-escreve-se porque, como qualquer poeta, penetra surdamente no reino das palavras, e lá trabalha

e teima e lima e sofre e sua. Carolina é artesã: diferentes versões de um mesmo texto apontam isso. Uma primeira versão, rasurada no original, é substituída por uma segunda, redigida na margem da folha e que se supõe seja considerada pela autora poeticamente mais satisfatória, uma vez que apaga uma repetição desnecessária e harmoniza a musicalidade, como se pode conferir :

1) *Vejam, tenho os cabelos grisalhos*

Já passei tantos trabalhos

Meu Deus, que fatalidade

Perdi a minha única habitação

Perdi a minha única habitação!

Desliguei-me da sociedade

Vim residir neste porão

2) *Vejam, tenho os cabelos grisalhos*

Já passei tantos trabalhos.

Meu Deus que fatalidade

Perdi minha habitação

Vim residir num porão

Longe da sociedade

Mas, não obstante o artesanato, com muita frequência, a intuição rítmica de Carolina naufraga em pressupostos poéticos rígidos e acadêmicos, com certeza inte-

riorizados na aprendizagem empírica de poesia que Carolina relata em diferentes passagens de *Minha vida*⁶. Ela conta:

Procurei numa livraria um livro de poeta, porque o senhor que estava no ônibus disse que o poeta escreve livros, pedi:

— Eu quero um livro de poeta.

O livreiro deu-me, de Casimiro de Abreu.

E assim fiquei sabendo o que era ser poetisa. Cheguei em casa com o espírito mais tranqüilo. Fiquei sabendo que as palavras cadenciadas eram as rimas. Pensei: Eu não devo dizer para as vizinhas que sou poetisa. Elas não sabem o que é isto e não vão crer. E eu, não quero ser ridicularizada. No fundo do meu coração eu agradeço ao saudoso e ilustre Sr. Vili Aureli, por dizer-me que sou poetisa, porque, com dois anos de grupo escolar eu não ia perceber.

Mesmo que se leia o depoimento com um leve sentido de desconfiância — não seria blague de Carolina? —

o caso é que este Casimiro de Abreu parece tê-la marcado com a força das primeiras leituras. Como acontece com todos os poetas, o poeta de formação ressurge re-escrito na escrita de Carolina:

*Oh! Meu Deus quantas saudades
Da minha infância ridente
(...)
Quando a aurora despontava
Eu rodava o meu pião ...
Aos meus colegas eu contava
Estórias de assombração.*

Ressurgem também memórias de romances, histórias de cordel, como o poema que narra que

*Ela pousou o olhar no chão
Não sei se foi emoção
E começou a chorar:
Meu pai apreciava um nobre
E disse-me que tu és pobre
E não nos deixa casar*

Os modelos são equivocados? O caso é que ninguém teve a fineza de informar a Carolina que a poesia brasileira (maiusculizar a expressão e falar da Poesia Brasileira talvez seja mais adequado...) desde os arredores

dos anos vinte estava *farta do lirismo que ia averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo*. E, como não tinha sido informada, Carolina ia ao dicionário apesar dos tropeços e do peso do cartapácio. E o resultado são os poemas salpicados de lantejoulas do quilate de *abscondado, desidias, estentóreo, reclusa, cafa, infausto, cilícios, ósculos, agro, olvida-me, érebo, e* similares ourivesarias falsas, que dão a seu livro um indesejado tom de pastiche involuntário.

E que, por ser involuntário, não conta ponto.

Mas também – e isto é mais grave – ninguém contou a Carolina que a poesia que se queria Poesia tinha rompido com o *lirismo-bem-comportado-com-livro-de-ponto-expediente-protocolo-e-manifestações-de-apreço-aosenhor-diretor*. E, porque ninguém lhe tinha contado, Carolina não podia saber. E, porque não sabia, perpetrou borbotões de tais raquíticos espécimens líricos.

Aliás, segundo seu depoimento, ela inaugurou-se em poesia versificando *manifestações de apreço*, conforme ela mesma narra:

*O primeiro verso que eu fiz foi
dedicado a uma freira. Quando eu
trabalhava na Santa Casa de Franca.
Eram seis irmãs que tratavam os
doentes admiravelmente. Elas faziam o
retiro de duas a duas. Quando viajou*

para São Paulo, freira por quem eu
tinha profunda admiração, eu não
podia deixar meus afazeres para i
despedir-me dela, peguei um lápis e
um papel para lhe escrever qualquer
coisinha amável.

"Nas minhas orações peço a Jesus com
muita fé para ter breve regresso: a irmã
Maria José

Escrevi apressadamente, porque estava
fritando uns bifés para os doentes do
pavilhão. A mensageira voltou
sorrindo:

"Bonito verso Carolina."

A irmã gostou e agradece a sua
amabilidade

Verso: repeti mentalmente

Verso: o que será isto?

Sorri; o meu objetivo era agradar
a irmã.⁷

Assim, ao lado de ser a poesia de Carolina com frequência entretida a clichês advindos de diferentes formações discursivas e já presentes desde os títulos de algumas poesias (Noivas de maio, Prece de mãe, Reminências, Inspiração, Remorso, A vida), seus versos também exemplificam uma tradição lírica requentada

que já freqüentava álbuns de poesia de sinhazinhas do século passado.

Em outro diapasão, mas aparentemente com semelhante expectativa de retorno do investimento, alguns poemas deste livro como Dr. Ademar de Barros, Washington Luiz, Getúlio Vargas e Kennedy representam outra vertente da tradição poética ocidental: a vertente áulica. Esta hoje tão condenada *poesia-manifestação-de-apreço-ao-senhor-diretor remonta* – para dar genealogia clássica a Carolina – talvez à corte de Augusto onde, à volta de Mecenas, os poetas encontravam, na poesia que fazia o elogio do projeto político em curso, o preço da sobrevivência, e de onde nos veio a hoje metáfora *mecenato*.

Garantindo a sobrevivência – e se possível sobrevivência digna – do poeta, o mecenato não podia estar longe dos horizontes de Carolina, sempre às voltas com um orçamento minguaado, cujas pontas não emendavam.

Se a Carolina autora de *Quarto de despejo* brandia seu diário como forma de intimidar seus desafetos,⁸ seus versos correspondiam a uma outra estratégia: empuñhada no ritual da lisonja, a poesia era forma de investir na sobrevivência, ganhando esta última palavra o sentido literal que, na vida de pobres como Carolina e seus filhos, comporta a expressão *sobrevivência*.

Da retórica agenciada para tornar sua poesia moeda de negociação, fazem parte clichês e estereótipos que

rotulam diferenças sociais. O elenco dos títulos de alguns poemas já indicam o recorte sócio-econômico que Carolina opera na sociedade em que vive e da qual fala: Súplica do encarcerado, O marginal, Súplica do mendigo, O prisioneiro e Rico e pobre são títulos que, na carga de estereótipos que carregam, desistorizam a questão social e empurram, para figurações secundárias pouco convincentes, as personagens a que aludem, transformando-se em meros figurantes os pobres e miseráveis que o texto menciona.

Curiosamente, no entanto, o esgarçamento histórico mencionado contrasta, por outro lado, com as cores fortes de um espetáculo, ao qual nunca faltam traços da *materialidade de um saber só de experiências feito*:

(...)

resta-me apenas a saudade

Da minha filha: minha boneca

Morreu na maternidade

Na rua frei Caneca

Ela morreu eu me lembro

Dia 29 de setembro

A mãe nunca esquece

O filho que fenece

O ébrio é um inciente

E aborrece diariamente

Não tem valor o seu depoimento

No poder judiciário

Sua existência é abjeta

E o seu vício lhe acarreta

A cruz do seu calvário

(...)

O ébrio é péssimo vizinho

Pois não trata com carinho

Os que estão a seu redor

A poesia de Carolina é também marcante pela posição conservadora da visão de mundo que expressa. Conservadorismo no qual também reside marca muito forte de sua identidade textual: uma identidade textual selada pela infração involuntária da língua culta, e igualmente vinculada por uma perspectiva ideológica ora inspirada numa viva percepção das diferenças sociais, ora filtrada pela expressão de tais diferenças através de palavras de ordem da classe dominante.

E, se isso pode comprometer sua poesia, talvez, de novo, não pudesse ser de outra maneira.

Os poemas em que Carolina tematiza o papel da mulher na sociedade são exemplares da ambigüidade de seus pontos de vista que assumem, simultânea ou sucessivamente, posições conflitantes. Muitas vezes, seus versos superpõem, ao registro doloroso e expressivo da

marginalidade social da mulher, a adesão a valores machistas da ideologia familista. Da mesma forma como já se viu relativamente ao processo pelo qual as relações sociais que a poeta encena em sua poesia são imobilizadas em dicotomias e estereótipos — governantes-governados; homem-mulher; embriaguez; noção de família; responsabilidade adulta; valor do estudo —, sucedem-se, assim, crenças absolutas e sem fraturas nos valores sociais dominantes, posto que deles Carolina seja despossuída.

Aliás, o testemunho maior da autoria dos escritos de Carolina consiste, exatamente, na fatura de clichês em que seu texto é pródigo, bem como na incompatibilidade mútua de alguns deles. Clichês de forma e de conteúdo. De modos de pensar e de modos de poetar.

Todos poética e politicamente incorretíssimos...

Mas, como a poética de Carolina poderia não ser de extração parnasiana e de feição conservadora? Como fugir a uma poética na qual as palavras raras e as inversões para preservar a rima são consideradas senha de ingresso no universo letrado? Como poderia não aderir aos valores dominantes, que, aliás, são chamados de dominantes exatamente porque invadem corações e mentes? Como escapar da incorreção poética e política quem só teve acesso — quando teve — às *frangias* desses universos, que se mostram pelo que *não* são, mas que talvez acabem sendo o que apregoam não ser?

O resultado não poderia ser outro.

E se a oscilação entre registros de linguagem e opções políticas faz sua poesia e sua militância soarem em falso — *sorry*, leitores! —, não que se crie os olhos de ler uma poesia como esta, que da ortografia e sintaxe à militância e ao feminismo aponta para uma cidadania dilacerada em todos os territórios, em todos eles insuficiente para levar a cabo um projeto canônico de produção literária.

Outro pedágio alto do universo letrado, para quem, de novo, só teve acesso às *frangias* dele.

Estes poemas de Carolina constituem, assim, uma poesia forte, cheia de sotaques e extremamente oportuna por textualizarem uma cultura que quase nunca chega ao livro impresso, mas que, quando chega, como chegou esta de Carolina, assinala, em sua violência infratora, a exclusão dos pactos e protocolos da cultura, dos cidadãos e cidadãs também excluídos do mundo econômico.

Por isso *quarto de despejo*. Mais do que uma *poesia do quarto de despejo*, trata-se agora de um *quarto de despejo da poesia*, que patrocina a seus leitores um percurso doloroso pelo território das letras. Doloroso, posto que necessário. Na paisagem dos caminhos, as letras braseiras representam-se tal como são vistas do quarto dos fundos e esta representação delas — este seu modo de ser — nos apresenta o desafio maior de desenvolver

os olhos e ouvidos necessários para *aprender* com esta mulher negra e pobre que nos idos dos anos sessenta queria arrombar a literatura e, arrombando-a, transformá-la em degrau de acesso a níveis sociais superiores.

O projeto de ascensão era claramente equivocado, já se vê. Mas o equívoco se dava não porque a literatura não possa servir de pedestal para ascensão social, pois que ela já serviu e continua servindo para isso, em muitos casos. Mas equivocado porque, enquanto alavanca social, a literatura cobra um preço alto dos aspirantes a sócios de seu clube exclusivo... Preço talvez alto demais para uma mulher negra e pobre que recusava sempre os *scripts* que lhe reservava a sociedade branca culta. Não compreendendo o câmbio em que o pagamento do ingresso deveria ser feito, não é de estranhar que Carolína tenha acabado condenada à pobreza e à solidão.

E foi exatamente na pobreza e solidão que Carolína teve a lição que deixa.

Tendo morrido pobre e sozinha, a gaveta que deixou atulhada de escritos como estes poemas e crônicas pode ser um ajuste de contas. Póstumo, porém legítimo, pois com certeza abre caminho para outras contas e outros contos, de muitas e muitas outras Carolínas.

NOTAS:

- 1 *Conferir um instigante e complexo estudo de diferentes aspectos do caso Carolína Maria de Jesus em Meilby, José Carlos Sebe Bom e Levine, Robert M. Cinderela Negra: a saga de Carolína Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.*
- 2 *Além de mencionarem uma tradução japonesa e outra russa, Bom Meilby e Levine registram uma tradução italiana (Quarto. Milano: Valentino Bompiani, 1962 [prefácio de Alberto Moravia]), uma cubana (La favela: casa de desahogo. Havana: Casa de las Américas, 1965), uma francesa (Le dépotoir. Paris: Ed. A.M. Métaillié, 1982) e a bem vendidíssima edição norte-americana Child of the dark: the diary of Carolína Maria de Jesus. St Clair, David, trad. N. Y.: Mentor Books, 1962.*
- 3 *cf. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes de M Lajolo apud Letícia, Mallard [et al.]. História da literatura: ensaios Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p.19-36.*
- 4 *cf. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual – O Quarto de despejo de Carolína Maria de Jesus, de Carlos Vogt, apud. Schwarz, Roberto (org). Os pobres na literatura brasileira. Brasileira, São Paulo: 1983, p. 204-213.*
- 5 *cf. Martins, Wilson. Mistificação literária. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 23/out/1993. Idéias e Livros.*
- 6 *cf. Meilby, José Carlos Sebe Bom e Levine, Robert M.. op. cit. p. 172-189.*
- 7 *cf. Meilby, José Carlos Sebe Bom e Levine, Robert M.. op. cit. p. 186.*
- 8 *cf. M. Lajolo. A leitura do quarto dos fundos. In Leitura: teoria e prática. Ano 14. n° 25 Jun/1995, p. 10-18.*

A vida por escrito

ARMANDO FREITAS FILHO

Acho que Carolina Maria de Jesus teria apreciado que um colega de ofício se debruçasse sobre sua obra poética – como revisor improvisado – a fim de, na maioria das vezes, pôr em ordem a acentuação e corrigir, aqui e ali, a ortografia e algumas impropriedades gramaticais, salvo aquelas que demandariam interferência demasiada no texto.

Afinal, o que ela desejava era escrever limpo e certo, dentro da tradição da língua, sem nenhuma marca inovadora ou característica.

Mais do que um documento, sua poesia é um tocante testemunho de quem viveu entre o quarto de despejo, a casa de alvenaria e a rua anônima. Mais ainda: a poesia que se vai ler neste livro é a prova viva de uma vida que não se deixou apagar pela solidão e venceu o esquecimento a que estava destinada.

Dr. Ademar de Barros

Teve valor imenso
O ilustre Dr. Ademar
Foi um político de senso
E soube governar.
Ademar e D. Leonor
Duas almas santas
Têm imenso valor.
E ninguém lhes suplanta
Ademar foi político potente
Gostava de realização
Deveria ser o presidente
Desta grande nação.
Já foi nosso interventor
Deputado e bom prefeito
Foi também nosso governador
Pelo povo foi eleito
Teve muita tenacidade
Nas polêmicas, que são um lodo.
Deu provas de capacidade
Vencendo as lutas, com denodo
Ademar soube conduzir
Nasceu para governar.

Os que procuravam lhe regredir
Foi visando lhe ofuscar.
Ademar político ilibado
Não foi indolente não foi pueril
Não foi ele quem foi derrotado
Foi o povo. Foi o Brasil.
Ademar político habilidoso
Fez o bem, sem opção.
Deveria ser o vitorioso
Para dar impulso à nação
Ademar, político visionário
Com ele São Paulo progrediu.
Se fez bonito no quarto centenário
Foi com as obras que ele construiu
A única coisa que eu noto:
Ademar foi correto e gentil
E lhe acompanhei com o meu voto
Mas não pude vê-lo presidente
[do Brasil]

Mãe é sempre mãe

Se eu tivesse a minha mãe
Oh que grande felicidade
Foi a única mulher
Que me amou com sinceridade
Nas suas orações.
Incluía-me no pensamento
Para Deus cortar-me as aflições
E livrar-me dos sofrimentos.
Quando eu adoecia
Era imenso o seu estertor
O olhar que me dirigia
Revelava o seu amor.

Mas, um dia ela sucumbiu
Quem morre não volta mais
Depois que ela partiu...
Notei:
Que falta a mãe nos faz

Mamãe foi o meu relicário
O que me ensinou ainda lembro
O dia do seu aniversário
Vinte e cinco de dezembro.

Meu Brasil

Meu Brasil proeminente
Ídolo da nossa gente
País belo e altaneiro
Tudo em ti pode clisar
Tenho orgulho em declarar
— Sou brasileiro.

Esta é a pátria do amor
Desconhecemos a dor,
A truculência, ambição.
Os teus filhos te veneram
E nobremente cooperam
Na grandeza da nação.

Brasil querido e amado
Por nossos antepassados
Gonzaga, Caxias e Herval
Vultos que honraram a nossa gente
Combateram heroicamente
Pela glória nacional.

Estas estrelas brilhantes
Que habitam o céu lá distante

Que fulgor maravilhoso
— Bela a nossa terra
Que imensa grandeza encerra
O brasileiro é venturoso.

Esta é a pátria de civismo
Tolhemos o cataclismo
Trabalho é o nosso roteiro
Devemos enaltecer
Amar e defender
O pavilhão brasileiro.

Inspiração

Meu anjo venha ao meu lado
Contempla as flores no prado
Como é lindo o arrebol
Ouve-se a ave cantar
Tão fagueira pelo ares
Aquecendo-se ao sol.

Se eu fosse um passarinho
Arquitetava o nosso ninho
No topo de um carvalho.
Adornava-o com brilhantes
Estas jóias cintilantes
As puras gotas d'orvalho.

Se nos meus braços eu a embalasse
E depois eu cantasse
A tua canção preferida
Percorreríamos as florestas
Dizia-lhe frases como estas
Amo-a, és minha querida.

Amá-la sempre foi o meu desejo
De acariciá-la e dar-lhe um beijo

Ao vê-la sabe, pensei
Quero premi-la nos meus braços
Vamos residir num lindo paço
somente teu eu serei.

Beijo quase tão doce e puro
É o que os meus lábios murmuram
Quando estou perto de ti.
És como a flor que vegeta
Que é a musa de um poeta
Sou feliz, desde que a vi.

Contemplo-a, és bela e fagueira
Tens um quê de brasileira
Genuína do meu sertão,
Ao vê-la nem mesmo eu sei
Porque foi que te amei
E lhe dei o meu coração.

Amar, eu sei não é crime.
É um sentimento sublime
E você é tão bonita!
Ao seu lado, vivo contente
Pretendo dar-lhe um presente
Um lindo laço de fita.

O meu reccio é perdê-la
Porque eu gosto de tê-la
Unida ao meu coração.
Eu nasci para amá-la,
Não temas se eu beijá-la
Você é minha inspiração.

O meu amor é ardente
Penso em você, constantemente
Você proporciona minha alegria
Você é musa. Você é lira
É a deusa que me inspira
A compor esta poesia.

Lua-de-mel

Reclinado na janela
Tristonho pensando nela
Olhos verdes. Linda cor.
Dentro do peito eu sentia
E o meu coração que batia
Era o desejo do amor

Eu sempre fui apressado
Pus-me a caminho a seu lado
De vez em quando, um suspiro
Ela fitou-me sorridente:
Se sou inconveniente
Com licença me retiro

Ela fitou-me sorrindo
E disse-me: como és lindo!
Qual é o seu nome senhor
Sou uma pessoa sincera
Que a ama e a venera
Que por você morre de amor

És linda como a primavera
Eu anseio e vivo à espera

Ao seu meigo e doce amor.
O meu nome é Ismael
Vamos passar a lua-de-mel
Lá em São Salvador.

Há muito tempo que a vejo
E o meu único desejo
É beijar seus lábios de mel.
Mas eu hei de insistir
Juro que hei de conseguir
O teu amor, Isabel.

E com toda a reverência
A jovem sem experiência
Entregou-lhe o coração
Um romance assim começa
Amor, beijos e promessas
E depois a união.

Há um mês que estou casada
Vivo em casa desprezada
Será... que o nosso amor morreu?
Quem sabe por onde andou,
Outra mulher encontrou
Mais bonita do que eu...

Cada frase que eu dizia
Ele ao meu lado sorria
E beijava a minha boca.
.....
Não mais diz que sou bonita
Quando falo ele se irrita
Ficaste feia... e louca.
.....
Agora não sei porquê
Ele finge que não me vê
E esqueceu o juramento!...
Tudo isto é obscuro
Ele dizia: juro!
Amo-a em todos os momentos.

Vivo em casa reclusa
Sem alegria na vida
Como haste que não dá flor.
Outrora ele a mim dizia
Que só a mim pertencia
E arrefeceu-se o seu amor...

E eu lhe tenho amizade
Com toda a sinceridade
Com profunda dedicação
Se este afeto arrefecer

Que será de meu viver?
Fenece o meu coração.

Amo-o com imenso ardor
Com carinho e devoção
No mundo és meu único amor
E hóspede do meu coração.

Súplica de mãe

Nesta campa jaz inerte
Querido filho, desperte
Sois o meu amor infinito
Para adornar esta lousa
Do jazigo em que repousas
Estas flores deposite.

Sonhei que estavas ao meu lado
No meu peito reclinado
Contemplava o teu sorriso
Dizias-me meigamente
Mamãezinha estou contente
É tão belo o paraíso....

Não lamente minha ausência
Findou-se a minha existência
Sou tão feliz aqui no espaço
Deus sendo o meu bom amigo
Talvez foi justo comigo
Colhendo nos teus braços.

Constrange-me a tua aflição
Deixei-a na solidão

Venho lenir a tua dor.
Não lamente a minha partida
Porque espero-a querida
No seio do criador.

A mãe tristonha fitava
E dos seus olhos jorravam
Lágrimas ao vê-lo defunto.
Enviava a Deus uma prece
Dai-lhe o céu. Ele merece.
Com o meu filho quero ir junto.

A mãe desperta a bramir
Com o filho quer seguir
Prendê-lo nos braços teus.
Nesta aflição sucumbiu
E com o filho partiu
Para o reino de Deus.

Deus!

Deus não seleciona
O que lhe emociona
É a virtude e a bondade.
Se no céu queres entrar...
Deves ser bom, e amar
A humanidade

Deus não aprecia o mal
Dá um prêmio colossal
Aos que sabem lhe honrar
Não seja mau e arrogante
Auxiliai o teu semelhante
Porque é pecado matar

No céu não há preconceito
Lá não pretere o preto
Não há orgulho nem vaidade
Reino que para lá chegar
É necessário praticar:
A caridade

Deus disse: paz na terra
Ao homem de boa vontade

Não pediu para fazer a guerra
Que dizima a humanidade
A vida humana tem imenso valor
Para o bom Deus Nosso Senhor.

Saudades de mãe

Oh! meu Deus quantas saudades
Da minha infância ridente
Não conhecia a degradingolada
Que atinge a vida da gente
Era criança não pensava
Que existia o sofrimento
Os brinquedos me fascinavam
A todos os momentos.

Quando a aurora despertava
Eu rodava o meu pião...
Aos meus colegas eu contava
Estórias de assombração.

Hoje, é bem triste a minha vida
Porque não vivo contente
Estou distante esquecida
Longe dos meus parentes.
Um dia deixei minha terra
Minha mãe e o meu irmão.
Mas, não sabia que era
Eterna separação.

A desventura me perseguia
Ou o meu destino era fatal
Eu deixei ela um dia
E a minha terra natal
Todos nós temos saudades
De um lindo trecho de vida
Ou de uma velha amizade
Ou de uma aventura perdida.

Tenho saudades de alguém
Partiu, e não mais voltou.
Eu lhe queria tanto bem.
Mãe! A morte levou.
Chorei copiosamente
Quando a minha mãe morreu
Mãe: foi o melhor presente
Que Jesus Cristo me deu.

Súplica do encarcerado

Nesta cela solitário
O preso tem um rosário
Vive em constante oração.
Vós, oh! Rei do Paraíso!
Do vosso auxílio preciso
Tirai-me desta prisão.

Reconheço que pequei
Vós proibistes, eu sei.
Mas, traiu-me a tentação:
Imploro-te de mãos postas
Tirai-me o jugo das costas
Dai-me a tua absolvição.

Disse outro dia o vigário
Temos todos um calvário
Quem sofre tem uma cruz.
Esta cela é tenebrosa
A liberdade é ditosa
Heróico, só foi Jesus!

A vós levo o meu olhar
De mãos postas, a implorar

Sois a infinita bondade.
Eu nesta cela sem lume
Sou tal qual uma ave implume
Em busca de liberdade.

Cometemos os pecados
Quando somos castigados
Imploramos: remissão...
Eu vos peço, oh! meu Jesus:
A liberdade é a luz
Tirai-me desta prisão.

Vai vai

Amor! Por amá-la vivo a sofrer
O meu amor é infindo como
[a eternidade

Quando amo não sei esquecer:
É porque amo-a, de verdade.
O meu amor sempre diz:
Olvida-me, deixe-me em paz.
Creio que assim serei feliz.
Confesso-lhe, não a amo mais.

Vai, vai para sempre ele diz:
Deixe-me viver sozinho.
Eu com você não posso ser feliz
Tu não sabes me fazer carinho.
Estas frases deixam-me doente
Eu fico triste. Começo a chorar.
Faço tudo para vê-lo contente
Ele diz vai, vai, para não mais voltar.

Os que ouvem começam a zombar..
Fazem críticas, não compreendem.
Talvez porque não sabem amar
Ou porque nada do amor entendem.

Minha filha

A minha filha morreu!
Deixou-me só, e aflita,
Peço, diga-me se és feliz
Aí no céu, onde habita.
Eu vi minha filha expirar
Quase morri de paixão
Este golpe veio abalar
Para sempre o meu coração.

Minha filha era tão bela!
Quantas saudades deixou.
Eu gostava tanto dela.
A morte intrusa a levou
Resta-me apenas a saudade
Da minha filha: minha boneca
Morreu na maternidade
Na rua Frei Caneca.

Ela morreu eu me lembro
Dia 29 de setembro
A mãe nunca esquece
O filho que fenece.

O Marginal

Vou citar-lhe o meu passado
Quando jovem fui notado
Era alegre, de janeiro a janeiro
Eu cantava uma canção
E tocava violão
Com os meus companheiros.

Nós fazíamos serenata
E a lua cor de prata
Brilhava no firmamento
Para a minha amada, eu cantava
A canção que ela adorava
Não me sai do pensamento.

Uma luz lá dentro acendia
Era ela que me ouvia
Minha voz lhe despertava.
Era profunda a emoção
Parece que o meu coração
Dentro do peito oscilava.

Meu Deus! Que ansiedade
Vê-la era a minha vontade

Para dizer-lhe, querida!
Quero levá-la ao altar
E se Deus nos auxiliar
Vai ser bela a nossa vida.

..... Nos versos que eu cantava
Meu afeto eu revelava.
E ela compreendia
Haveremos de nos unir.
Se o seu pai consentir
Para mim, que alegria!

Ela pousou o olhar no chão
Não sei se foi emoção
E começou a chorar:
Meu pai apreciava um nobre
E disse-me que tu és pobre
E não nos deixa casar.

Suas palavras me feriu *
E o meu coração dividiu
E eu perdi todo o ideal
Ela vive ao lado de um nobre
Não revoltado por eu ser pobre
E não lhe desejo mal.

Outro dia nos encontramos
Por uns minutos nos fitamos
Com ardor e emoção.
No sorriso que ela deu,
Percebi que ainda é meu
O seu terno coração.

É um pecado desligar
Dois entes que se amam
Por mera futilidade.
É egoísmo, é um crime
Pois, não há nada mais sublime
Do que o amor e amizade.

Se eu estivesse ao seu lado
Não viveria assim, magoado
E não estaria sozinho.
Envelhecíamos contente
E quem sabe se atualmente
Já tínhamos um netinho.

Ela, vive no meu pensamento
Não lhe olvido um só momento
Esteja eu onde estiver.
Enquanto o mundo existir

O homem há de amar e sentir
Afeto por uma mulher.

Eu ando andrajoso assim
Por não tê-la perto de mim.
É ela o meu ideal!
Vivo, ao relento, sem abrigo
Sem afeto e sem amigo
Sou um marginal.

* Assim no original.

Poeta

Poeta, em que medita?
Por que vives triste assim?
É que eu a acho bonita
E você não gosta de mim.

Poeta, tua alma é nobre
És triste, o que o desgosta?
Amo-a. Mas sou tão pobre
E dos pobres ninguém gosta.

Poeta, fita o espaço
E deixa de meditar.
É que... eu quero um abraço
E você persiste em negar.

Poeta, está triste eu vejo
Por que cisma tanto assim?
Queria apenas um beijo
Não deu, não gosta de mim.

Poeta!
Não queixas suas aflições

Aos que vivem em ricas vivendas
Não lhe darão atenções
Sofrimentos, para eles, são lendas.

O ébrio

O homem que bebe:
Não tem valor na sociedade
Não tem nenhuma utilidade
Amar um homem assim
É ir nos braços da infelicidade.

O homem que bebe:
Não pensa na prosperidade
Não tem noção de responsabilidade
Amar um homem assim
Só nos proporciona contrariedade.

O homem que bebe
Diz apenas futilidades
Nunca diz a verdade
Não tem dignidade
É digno de piedade.

Promete se regenerar
Mas não tem força de vontade
É um escravo da bebida
E não prospera na vida.

O homem que bebe:
Quando está bêbedo, prevalece
Porque o álcool embrutece
E transforma-o em animal.
O ébrio não tem valor
No núcleo social.

Homem que bebe:
Seus filhos não vivem em paz
E você não sabe o que faz
E pratica más ações.
Quanto crimes tem cometido
Homem que por ter bebido
Finda a vida nas prisões.

O homem que bebe:
Pela esposa é reprovado
E o seu lar desmoronado
Fica jogado na rua.
Se queres ser ditoso no viver,
O homem não deve beber
Se és infeliz, a culpa é sua.

O ébrio é um insciente
E aborrece diariamente.

Não tem valor o seu depoimento.
No poder judiciário
Sua existência é abjeta
E o seu vício lhe acarreta
A cruz do seu calvário.

Ele não tem força mental
Para afastar-se deste mal
É apenas forma de homem,
Que enfraquece lentamente.
Fica tuberculoso ou demente
Apenas bebe. E não come.

O ébrio é péssimo vizinho
Pois não trata com carinho
Os que estão ao seu redor
O ébrio é irracional
E degrada. É um animal
É um homem inferior.

Prece de mãe

O meu filho tem muito valor
Diz a mãe, cheia de vaidade!
É imenso o seu amor
É sincera sua amizade.
Quando o filho está doente
A mãe não dorme um segundo
Sempre terna e impaciente
E o seu receio é profundo.
O seu afeto não arrefece
Pensa no filho demasiadamente
E se algo lhe acontece
A mãe está sempre presente.
O meu filho há de ser um homem!
Ele haverá de saber lutar
Quando alguém citar seu nome
Será para o elogiar.
O meu filho não haverá de esmorecer
Vai ser honesto e trabalhador.
Os empecilhos há de vencer
Vai ser um homem de valor.
A luta na vida não vai lhe estarrecer
Hei de vê-lo prosperar-se

Deus há de lhe proteger,
E os seus passos guiá-los.
Do filho a mãe é um escudo
Por ele, ela enfrenta tudo.
Oh! Deus grande Senhor!
Dai-lhe sempre proteção
Que ele seja superior
À sedução.
O meu filho há de crescer
Heróico, bom, e inteligente.
Deus ajude, que há de ser
Uma boa semente.
Que não viole a retidão
Que faça o próximo feliz.
Que tenha um bom coração
E que ame o seu país.
Que faça o bem sem opções
Os fracos, os humildes, ele proteja
Que pratique as boas ações:
E assim seja.

O infeliz

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
Que não posso enumerá-los
Vi o meu irmão enlouquecer
Minha esposa falecer
E os meus filhos para criá-los.

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
Agra é a minha provação.
Vi um filho transviar-se,
E a turba imensa a gritar
Mata! Lincha este ladrão.

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
Que até perdi a ilusão.
Passo os dias a meditar
Oh! se eu pudesse libertar
O meu filho da prisão!...

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos

Não tenho alegria para viver.
Estou ciente que não tenho sorte
Por isso, a Deus peço a morte
Para findar o meu sofrer.

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
Nada mais me prende ao mundo
Vivo ao relento sem abrigo
Tenho que vagar sujo, imundo
Sem filhos, sem esposa e sem amigo.

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
Estou exausto e vencido.
Quando jovem, eu vivia tão bem...
Sítios, prédios e armazém
Hoje... sou um homem falido.

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos.
Meu Deus que fatalidade.
Perdi minha habitação
Vim residir num porão.
Longe da sociedade

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
Meu Deus! Fico alucinado
Por isso eu vivo a vagar.
Não gosto de recordar
O meu pungente passado.

Vejam, tenho os cabelos grisalhos
Já passei tantos trabalhos
O que me conhece diz
Aquele é um homem honrado
Mas sofreu tanto, o coitado
É um verdadeiro infeliz.

Sou feliz

No topo de uma colina
Construí uma cabana
De manhã surge a neblina
Que a natureza promana.
Quem reside nesta casinha
Que é um verdadeiro primor
Eu e a minha mãezinha
A quem dedico o meu amor.

Quando o sol deixa o poente
Tudo encanta na colina
Surge a noite lentamente
Tudo é belo, e me fascina.
Minha mãe sempre cantando
É amável e carinhosa
Passa os dias cuidando
Dos seus canteiros de rosas.

Como é lindo o meu viver!
Nesta cabana que eu fiz
Creio que... eu posso dizer:
Graças a Deus, sou feliz!

A carta

Ela estava assim sentada
E reclinada
Na sombra de um arvoredo
Uma carta ela relia
E sorria:
Talvez, fosse um segredo.
Quando por ela eu passava
Sempre estava
Com uma carta nas mãos.
Um dia, tristonha chorava
E lamentava:
Meu Deus! Que desilusão.
Vive tristonha a vagar
E fitar
O espaço, horas e horas.
Às vezes diz ela, assim:
Deus! Tenha pena de mim,
Socorrei-me, Nossa Senhora.
Vive tristonha a vagar,
Sem parar
Com os olhos fixos no chão.

Como poderei viver
Sem mais ver
O filho do meu coração.
A carta era de um filho,
No exílio
Lá mui distante morria
A pobre mãe não falava
Ocultava
A grande dor que sentia.
Anda toda esfarrapada
E amargurada.
Perdeu a ilusão da vida
Olha o espaço indiferente
E sente
Que está só e deprimida
Vive triste a meditar
E a chorar.
E o que faz, todos os dias
Porque se um filho morrer,
O viver
Da mãe é uma agonia.
Outro dia não suportou
E bradou:
Onde é que estais amor meu!
Oh! Meu Deus! Por piedade.

Permita não ser verdade,
O meu filho não morreu.

Ele era tão educado

E resignado

Com a sua vida na pobreza

Gostava de trabalhar

Para não faltar

O pão na nossa mesa.

Porque

Porque vivo abandonada

E amargurada,

Sentindo no peito a dor

Eu quero alguém que me embala

E fala:

Coisas bonitas do amor

“Sonho”

Eu gosto de uma pessoa

Muito boa.

Tenho por ela simpatia.

Se eu lhe dissesse ao ouvido:

Meu querido

Será que me corresponderia?

Canto-o nos meus versos

E peço:

Oh! não me faças sofrer

Longe do teu olhar vou penar

Tu não me queres, por quê?

Uma noite eu sonhei

E delirei.

Estávamos nós dois sozinhos

Minha boca ele beijava
E me falava:
Com meiguices e carinhos.

Juro, não o esqueço
E padeço:
Nos meus sonhos eu te vejo
Tu me cinges no teu peito

Deste jeito:
Depois, dá-me um beijo.
Que tristeza ao despertar
E não encontrar

Este teu rosto risonho
Satisfez o meu desejo
Dei-lhe um beijo
É pena ter sido um sonho.

Amo-te, muito, querido
No mundo, és o meu preferido
Uma jóia de muito valor.
Tenho para ti, no meu coração,

Uma provisão:
De carinho, e muito amor.
Sei amar com sinceridade
E amizade...

Não amo, visando nada.
Quero um cantinho no teu coração
Em troca desta afeição
E já me sinto realizada!

Riso de poeta

Poeta, por que chora?
Que triste melancolia.
É que minh'alma ignora
O esplendor da alegria.
Este sorriso que em mim emana,
A minha própria alma engana.

Passei a vida a idealizar
Sem concretizar
Um sonho sequer.
Pretendia me casar
E ter um lar
Com os meus filhos e a mulher!

Mas nem sempre se realiza
O que a mente idealiza.

Vim ao mundo predestinado
A viver só e abandonado
Como coisas abjetas.
Hoje sou desiludido:
Amei e não fui correspondido.
Deus não protege o poeta.

Uns beijos

És mui bela e cativante
Tem os odores delirantes

Das flores.

Quero-lhe muito querida
Enche minh'alma de vida
E amores.

Quando por mim você passa
Olho-a e acho graça
Nos teus gestos simples e belos
O meu sonho é construir
Para nós dois residirmos
num castelo.

O teu olhar me embala
És meiga quando me fala.
És pura como o jasmim.
Cismo que estou lá no espaço
Reclinado nos teus braços
sempre assim!

O teu olhar brilha e seduz
Tem um reflexo de luz

Eu receio perdê-la.
Não mais olho para o céu...
Porque na terra já existe
Uma estrela.

O teu porte donairoso
O teu sorriso formoso
Deusa da sedução.
És pura como a bonina
Venha ser a inquilina
Do meu coração.

Venha gozar o meu amor
Teus olhos são uns primores.
Venha saciar os meus desejos
És na vida o meu ideal
Dar-me-ás como sinal
Uns beijos

As aves

Quando aurora vem surgindo
E refletindo
Nítido o sol no horizonte.
Em bando os passarinhos
Deixam os ninhos:
E voejam sobre os montes.

As aves querem-se mutuamente
E sentem
Umas às outras afeições.
Não têm inveja daninha
Que definha
E deturpa os corações.

Entre elas reinam amizades
E as igualdades
Não há classes e nem nações
Elas deferem na terra
Não fazem guerras
Nas disputas de torrões
Se asas pudesse eu ter
E percorrer

O espaço de norte a sul
Como é belo voar
E contemplar
Este lindo céu azul.

Pensamento de poeta

Estava eu a vagar
E a pensar:
Por que é que existe ambição?
É uma coisa que domina
E elimina
A pureza do coração.

As pessoas ambiciosas
Invejosas
Invejam os fracos e os fortes
São do tipo repugnantes
Semelhantes
Ao Judas Iscariotes.

Mamãe

Grande mágoa me atormentava

E eu chorava

Lembrando a infância ditosa.

A grande dor que me invade:

É a saudade

Da minha mãe tão bondosa.

No colo, ela me embalava

E contava:

Estórias, eu adormecia.

De manhã eu despertava

Ela me dava:

Café com leite eu bebia.

Tudo era tão diferente

E eu contente

Brincava no meu jardim.

Minha vida era uma beleza

Tenho certeza

Mamãe gostava de mim.

Com meiguices ela dizia:

E eu ouvia:

Filha estuda por favor:

E quando você crescer

Há de ter

Muito prestígio e valor.

Mas um dia a fatalidade

Com impiedade

Arrebatou-a e eu senti.

Compreendi tarde demais

A falta que a mãe nos faz:

E sofri.

Lembro-me quando ela morreu

Eu

Estava no início da vida

Com sete anos incompletos

Era o afeto

Da minha mãe tão querida.

Trinado

A ave escolheu um galho
Num carvalho
E construiu seu ninho.
Levava a vida a cantar
E para alegrar:
Seu inocente filhinho.

Ao romper da madrugada,
Em revoada,
Voeja e galga amplidão,
Retorna ao ninho saliente,
E, contente,
Executa uma canção.

A sua voz maviosa
E sonora
O filho ouve e extasiado
Ele vai ensaiando
E executando
Inocentes trinados.

Contempla a mãe que voeja
E deseja

Que surgem breve as penas.
Quer unir-se ao bando
Que voando
Rompe os ares tão serenos.

Washington Luiz

Meu Brasil proeminente
Pátria de Tiradentes
Berço de Washington Luiz.
Foi um grande presidente
Que honrou o nosso país.

Merece a consagração
Do povo e da nação,
Porque soubeste governar,
Político íntegro e pioneiro.
Não deixou o nosso dinheiro
Desvalorizar-se...

Solteirona

Em que pensa Dona Luíza?
O que idealiza!
Nem tudo poderei dizer-lhe.
Desde quando eu a vi
Não lhe esqueci
Hei de amá-la até morrer.

Como teus compromissos
Por isso:
Oculto os meus sentimentos.
Tu estás dentro do meu cérebro
Isto é pior que um érebo,
Não suporto estes tormentos.

Se o teu coração estiver
E tu quiser:
Dá-me um lugar, eu aceito...
Já não durmo, perco o sono,
Ambiciono
Viver oculta no teu peito.

Levo a vida a meditar
E por te amar.

Com ninguém mais simpático.
Para eu viver contente
Somente:
Do teu amor eu preciso.

Se as minhas faces tu as beijasse
E acariciasse...
Você é tudo para mim.
Minh'alma de ti precisa
Luíza!
O nosso amor... não tem fim.

Quantas cartas tenho te escrito
E cito:
És o dono do meu coração.
No sonho tenho nós dois.
Mas depois...
Desperto na solidão.

Este meu sonho é tão lindo
E sorrindo
Desperto e penso... tolice.
Triste vida de solteirona
Que ambiciona
Frases que um homem não disse!

A mulher que não é casada
É revoltada,
Põe a culpa no seu destino.
A mulher não quer morrer
Sem conhecer
O carinho masculino.

O lírio

O lírio branco é pureza
Que beleza!

É o adorno da campina,
Sua ramagem estendida
É refletida

Sobre a água cristalina.

De manhã as mariposas
No lírio pousam

Aspirando o seu olhar,
Amam com muitas ternuras

Trocam juras
De fidelidades e amores.

A minha vida era vazia:
E um dia

Um lírio desabrochou:
Que saudade daquele instante,
Delirante,

Quando no meu peito penetrou.

O lírio foi o amor
Que esplendor...

É amar! E ser correspondida
Quando o homem é competente
A mulher sente
Que já está realizada na sua vida.

Mas este lírio nasceu
E faleceu
Resta a haste ressequida.
Lamenta a desventura

E murmura!
Que rajada... na minha vida.

A haste que feneceu
Sou eu!
Ja não vivo para o mundo:
Um grande amor que passou,
Deixou:
Em mim desgostos profundos.

Quando se ama não se esquece
E padece:
Se vem a separação.
O homem pode estar ausente
Mas estará sempre presente
No fundo do coração.

A vida só tem valor

Com um amor

Que saiba nos corresponder.

Quando um homem tem qualidades

Quantas felicidades

Com ele é tão sublime viver!

Sem o homem a vida é tristonha,
Enfadonha.

Como a campa silente e fria.

Sou como a haste pendida

E ressequida...

Sem amor... sem alegria.

A passarada

Quando surge alvorada,

A passarada

Percorre a imensidão:

Que gorgêio harmonioso

E sonoro:

É alegria lá do sertão.

Ouvindo o trinar suave

Da ave:

Comecei a meditar.

A minh'alma entristecia

E eu sentia:

Desejos de chorar.

Por que é que as aves cantam

E encantam:

Não têm nada a lhes preocupar?

Entre nós há uma diferença

Imensa:

Porque eu só sei chorar.

Quando o cantar dolente,

Cadente

Da ave lá do sertão
Ela há de ser como eu
Que já sofreu
Amarga decepção.

Na sua vida existirá alguém
Que ela quis bem!
Partiu para não mais voltar.
Ela há de ser como eu
Que compreendeu:
Que o macho não sabe amar.

Ela canta para expandir
E transmitir
A sua mágoa interior.
Ela há de ser como eu:
Que compreendeu
Que o macho não tem amor.

A rosa

Eu sou a flor mais famosa
Disse a rosa
Vaidosa!
Sou a musa de um poeta.

Por todos sou contemplada
E adorada.

A rainha predileta.
Minhas pétalas aveludadas
São perfumadas
E acariciadas.

Que aroma rescendente:
Para que me serve esta essência,
Se a existência
Não me é concernente...

Quando surgem as rajadas
Sou desfolhada
Espalhada
Minha vida é um segundo.
Transitivo é o meu viver
De ser..
A flor rainha do mundo.

Ingenuidade

De uma coisa eu tenho saudade,
É da minha ingenuidade
Não conhecia a maldade,
Nem o ódio, nem a ambição
Que penetra na nossa mente
Dá raiz e dá semente
E deturpa o coração.

No meu "ego" fiz assepsia
Para receber só alegria
Pois desejo me modificar.
Quero ser semelhante ao Cristo
Que aos homens ensinou isto:
Perdoar!

O homem deve ser fraternal.
Os que praticam o mal
Nem a si mesmos favorecem.
Os que adotam a maldade
Não auxiliam a sociedade
Só o desprezo merecem.

Mistério

Quantas vezes dedica-se amizade
A um tipo reles sem qualidades
Destituído de valor,
Que nos faz chorar e sofrer.
Mas quem pode compreender
O mistério do amor!
Às vezes um homem é correto,
Não é o nosso predileto...
Não lhe temos simpatia.
E amamos um cafajeste
Que não honra a calça que veste
Uma porcaria.

Às vezes um homem é decente
Tem nobreza e tem valor,
Mas a mulher é insciente.
Ama quem é inferior.
Às vezes um homem é gentil
Tem qualidades ilibadas
Mas a mulher é imbecil
Ama quem não vale nada.

Desilusão

Tive um desgosto profundo
Neste mundo.

E levo a vida a meditar.

O que me vê sorrindo diz

Que sou feliz

Porque eu sei dissimular.

Vivo tristonha sem ilusão

Que provação.

Passo os dias sempre sofrendo.

Que existência sacrificada

E atribulada!

Nem sei porque estou vivendo.

A minh'alma já envelheceu
E eu?

Aos poucos fui entristecendo,

Tenho uma mágoa interiormente

E atualmente...

Estou morrendo! estou morrendo!

A causa da minha dor

Foi o amor:

Não fui correspondida.

Por isso eu vivo isolada

E amargurada.

Eis o drama de minha vida.

Só quem já foi preterida

Na vida

É quem conhece esta extensão,

É quem pode analisar

E citar:

O que é uma desilusão.

Noivas de maio

Ó minha filha-querida
Parabéns pois vais casar:
Queres ser feliz na vida,
Ouça-me o que vou citar.

Dizem que é a mulher
Que faz feliz o seu lar,
É feliz se ela souber
Viver e pensar.

Trate bem o teu marido
Com toda dedicação.
Não o deixes aborrecido
Não lhe faças ingratião.

Se o teu marido falar
Não lhe custa: obedecer.
O que se passa no lar
Ninguém precisa saber.

Se tens filhos dá-lhes prazer
Enquanto são meninos,

Porque, depois de crescer,
Ninguém sabe seus destinos.

Conforma-te e não protesta
As contingências da pobreza
Ser pobre e honesta
É uma grande riqueza.

Seja muito carinhosa
E agradável no falar,
Uma mulher nervosa
Não prende o esposo no lar.

Seja uma mulher decente
Quando o teu esposo ausentar-se
Ele há de ficar contente
Encontrando-lhe no lar.

Como é bonito um lar
Onde reina paz e amor.
O casal que divorciar
Perde todo o valor.

A mulher que quer predominar
Como se fosse uma imperatriz,

Estas desfazem o seu lar:
Não deixam o homem ser feliz.

A mulher que é prepotente
E quer ver o seu desejo realizado:
O amor que o homem sente
Vai esfriando, vai esfriando.

Getúlio Vargas

Foi o orgulho da nossa gente.
É opinião brasileira
Que tivemos um presidente
Que honrou a nossa bandeira.

Getúlio, heróico e potente,
Grande alma nacional,
Deveria ser o presidente
Desde o tempo de Cabral.

Éramos um povo inibido,
Apático e sem ação
Mas Getúlio, o destemido...
Nos deu um empurrão.

Retirou do operário a tibieza
Deu-lhe apoio e proteção
Convidou-lhe com delicadeza
A colaborar no progresso da nação.

Súplica do mendigo

Um mísero seguia
Levando uma trouxa nas costas;
Uma prece a Deus envia
Espera inquieto a resposta.

Jesus, por que soffro assim?
Que grande mal cometi
Porque olvidou-se de mim,
Espero o auxílio que pedi.

Como é triste o meu penar,
A indigência é atroz
Não vês? Eu vivo a implorar
Por que não ouves minha voz?

Jesus suplico-te, sou eu,
Necessito o auxílio vosso,
Porque vós não me atendeu.
Viver sem ti, não mais posso.

Vós onipotente,
Nosso redentor,

Ouçã este indigente!
Socorrei-me, Senhor.

Não são jóias nem riquezas
Eu não tenho ambição.
É um fardo agro a pobreza,
É viver num barracão.

Tenha dó de quem padece,
Jesus, venha-me socorrer.
Quem me dera se eu pudesse
Deixar de comer.

Sofro tanto. Oh! Que tristeza!
Necessito o auxílio vosso
Os que vivem na pobreza
Lutam em prol do pão nosso.

Não me preocupo com a grandeza,
Pobre não tem ilusão.
Que não falte na minha mesa
Um pedacinho de pão.

Trabalho com assiduidade,
Olham os calos nas minhas mãos.

Tenho filho em tenra idade
Que implora: "quero pão".

.....
Como é sacrificada
A vida do trabalhador:
O salário sobe de escada,
Os preços de elevador.

Mentira

Pobre ancião vagava
A esmo sem direção.
Norando que ele chorava,
Quis saber qual a razão.

Acheguei-me levemente;
"Boa-tarde – eu lhe disse –
Estais tão triste o que sente?"
"Não é nada, é a velhice."

A juventude é fogueira,
É alegre a todo momento
Ela passa mui ligeira,
É veloz, igual ao vento.

Vou citar-lhe o meu viver
Os bons tempos joviais.
Tive alegrias e prazeres
Descuidei dos essenciais.

Cantava na adolescência,
Nada aprendi a fazer.

Ao me ver na indigência
Fui pedir para comer.

.....
Outrora lépido, airoso,
Tratavam-me "Vossa Excelência"
Hoje acham-me indecoroso
Sou vaga reminiscência.

Quando rico, não pensei:
Hoje sou um indigente.
Aquele que eu muito amei
Olvidou-me inteiramente.

Ao ver-me nesta indigência,
Todo roto, ao léu e falido,
Acabou a "Vossa Excelência":
Eu sou um trapo esquecido.

A mulher que amei loucamente
Escarneceu a minha dor,
E assim fiquei ciente
Que era falso o seu amor.

"constrói um lar... – suplicou –
hei de ser boa e carinhosa!"

E um dia me abandonou
Oh! Que mulher mentirosa.

Os que têm maus corações
É que esquecem num segundo.
Tudo é interesse, ambições
Tudo mentira neste mundo!...

Hoje sei que me olvidou.
O seu afeto foi passageiro.
E assim ela comprovou
Que amava só o meu dinheiro.

Tarde demais compreendi:
Não mais confio em alguém
Que não ama o homem em si
Mas apenas os seus bens.

Remorso

Na minha porta veio um dia
Uma senhora a implorar.
Unida ao peito trazia
Uma criança a chorar

Ajoelhou-se, as vestes desfeitas,
Tenha dó desta infeliz, compadece
Manda aviar esta receita
Que Deus no céu lhe agradece

Senhor! salve esta inocente.
Veja, é grave o seu estado
Se o teu filho está doente...
Creio não ser o culpado.

A criança os olhos ergueu.
Fitou-me e deu-me um sorriso
Depois para mim respondeu:
Somente de Deus eu preciso!

A criança não tinha idade
Para falar! E falou!

Por eu negar-lhe a caridade,
Deus me castigou.

Vi a mulher entristecer
E aos poucos perder a cor,
Seu único filho fenecer;
Debatendo-se no estertor,

Na minha mente gravou
Aquele ingênuo sorriso.
Quando a criança falou:
Somente de Deus eu preciso.

De tanto pensar chorei
E nada mais me consola
Desgosto porque neguei
Uma esmola!

Presente

Meu Deus! Estou tão contente
Que alegria interior...
É que eu recebi um presente
De Jesus Nosso Senhor.
Ontem eu estava doente
E hoje... não mais sinto dor.

Devaneio

Imploras-me tão triste
Que eu seja o teu amigo.
Penetres, encontrarás
Dentro do meu peito abrigo.

Que não discordes nunca
Em tudo que eu vou dizer
Residirá no meu peito
O tempo que quiseses.

Não mo disseste nada
Sorri, em que medito
Deixai-me contemplar-lhe
És jovem e tão bonito!

Ah! Velhos tempos idos!
Saudosos que passaram
No meu rosto uma ruga
Os anos me deixaram.

Os poucos dias que me restam
Ao teu lado viverei:

Agora que sou anoso
A primeira vez amei.

Querida! Veja, eu choro
Sou velho e vou partir
A morte breve virá
E eu não quero ir.

Estou na decrepitude
Tenho os meus dias contados
Você em plena juventude
Há de enfadar-se ao meu lado.

Confesso que o teu carinho
Remoçou-me, deu-me prazer
Se me deixares sozinho
Não sei que hei de fazer.

Não devemos ser maus
A maldade não tem valor
Vamos praticar o bem
Que agrada o Nosso Senhor.

O colono e o fazendeiro

Diz o brasileiro
Que acabou a escravidão
Mas o colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tostão.

Se o colono está doente
É preciso trabalhar
Luta o pobre no sol quente
E nada tem para guardar.

Cinco da madrugada
Toca o fiscal a corneta
Despertando o camarada
Para ir à colheita.

Chega à roça. O sol nascer.
Cada um na sua linha
Suando e para comer
Só feijão e farinha.

Nunca pode melhorar
Esta negra situação

Carne não pode comprar
Pra não dever ao patrão.

Fazendeiro ao fim do mês
Dá um vale de cem mil-réis
Artigo que custa seis
Vende ao colono por dez.

Colono não tem futuro
E trabalha todo o dia
O pobre não tem seguro
E nem aposentadoria.

Ele perde a mocidade
A vida inteira no mato
E não tem sociedade
Onde está o seu sindicato?

Ele passa o ano inteiro
Trabalhando, que grandeza!
Enriquece o fazendeiro
E termina na pobreza.

Se o fazendeiro falar:
Não fique na minha fazenda
Colono tem que mudar
Pois há quem o defenda.

Trabalha o ano inteiro
E no natal não tem abono
Percebi que o fazendeiro
Não dá valor ao colono.

O colono quer estudar
Admira a sapiência do patrão
Mas é escravo, tem que estacionar
Não pode dar margem à vocação.

A vida do colono brasileiro
É pungente e deplorável
Trabalha de janeiro a janeiro
E vive sempre miserável.

O fazendeiro é rude como patrão
Conserva o colono preso no mato
É espoliado sem lei, sem proteção
E ele visa o lucro imediato.

O colono é obrigado a produzir
E trabalha diariamente
Quando o coitado sucumbir
É sepultado como indigente.

Pobre inocente

Pobre mãe perambulava
Com os olhos fixos no chão
Como poderei viver
Nesta negra condição...

Percorria com o olhar o espaço
E volvia-o novamente ao solo
Com meiguice acariciava
O filho que tinha ao colo.

Pobre mulher, onde vai?
Que triste destino é o teu
Estou procurando o papai
O bom amiguinho meu.

Como é triste o meu destino
Oh! Existência lacrimosa
Sou semelhante ao peregrino
Só no mundo e tão inditosa.

Vivo errante e descontente
Minha existência é uma luta

Eu imploro ao Deus clemente
Só ele é bom e me escura.

Quem ouve os nossos clamores
Nossas lutas e aflições
É Jesus Cristo Nosso Senhor
Porque não faz seleções.

Para onde vamos, filho meu!
Não temos teto, e nem pão
Vosso pai desapareceu
Deixou-lhe na solidão.

Vamos, vamos filho meu
No campo do teu nobre avô
Aquele foi o nosso amigo
E a morte ingrata o levou.

Meu filho! Porque sofre assim
Se ainda não tens pecado
Se a morte lembrar-se de mim
Ficarás desamparado.

Sem ter quem vele os teus passos
Com carinhos e sacrifícios

Tu cairás nos laços
Que são os péssimos vícios.
A mãe perambulando
Tudo isto lhe vem na mente
Contempla o filho e chorando
Exclama – pobre inocente!

Súplica de amor

Venho de longe procurando o teu olhar
Terna e meiga me fitaste um dia
O meu coração por ti a palpar
Tu me inspiraste amor e poesia

O teu olhar é puro como o lírio
Deixou minh'alma em louco devaneio.
Desde esse instante eu soffro e deliro
Quero amá-lo e tenho receio

Tê-la ao meu lado por uns momentos
Ouvir dizer: como eu adoro.
Amenizar estes meus sofrimentos
É ajoelhado que eu vos imploro.

Segredo oculto

Tenho abscondado bem no fundo
A mais sublime aspiração
Era dizer-te que vieste ao mundo
E habitaste no meu coração.

És na minha vida estrela a luzir
És o orvalho que umedece a flor
Eu desejo-lhe, deves ouvir-me
Não seja ingrata. Quero o teu amor.

Teus olhos são faróis a iluminar
A minha vida de peregrinação
Estou exausto, eu quero repousar
Eternamente no teu coração.

Aos teus braços entrego-me
Guia-me. Quero-lhe, me conduz
Por amar-lhe, juro, estou cego
No mundo és a minha luz.

És mais bela do que a rosa!
Tenho por ti grande adoração
Quero-lhe, és meiga e carinhosa
Vem morar no meu coração.

O turco e o lampião

Um turco ia contente
Levando um cesto na mão
Quando surgiu na sua frente
O famoso Lampião.

O turco logo parou!
E começou a gaguejar
Lampião lhe perguntou:
Tu tens fumo para me dar?

O turco mudou de cor
E começou a chorar.
Eu não fumo não senhor.
Mas querendo eu posso fumar.

Quero-lhe

Querida! Venha, imploro-lhe
Quero-lhe junto de mim
Sabes o quanto adoro-lhe
Não me faz sofrer assim.

Eu direi ao teu ouvido:
Sem ti, não sei o que faço:
Tu dirás, venha querido:
Dá-me um beijo e um abraço.

Não me amas? perguntei-lhe
O teu silêncio mo diz, não!...
Talvez nem mesmo ocupeí...
Um lugar no teu coração.

Onde foi que tu andastes
Deixando-me aborrecida
Um inconstante como tu...
Acabarás com minha vida.

Se você não pretendia
Viver sempre ao meu lado
Foste ingrato e não deverias
Fingir-se apaixonado.

Meu avô

Quando estava contente, cantava:

Cuidado com esta negra!
Que esta negra vai contá.
Cuidado que esta negra
É puxa-saco da sinhá.

Cuidado com esta negra
Que esta negra já contô
Cuidado que esta negra
É puxa-saco do sinhô.

Esta negra é caçambeira.
Gosta só de espioná.
Esta negra é faladeira
E conta tudo pra sinhá.

Esta negra é perigosa!
Tudo que vê ela fala,
E a sinhá fica nervosa
E nos prendem na senzala.

Festa dos bichos

Escuta e presta atenção
Na estória que eu vou contar
A cobra e o rei leão
Amavam-se e iam casar-se

A cobra estava elegante
Seu vestido que beleza!
O tigre e o elefante
Eram os serventes da mesa

Ouriço e D. Onça
Da noiva eram os padrinhos.
Com ouriço ninguém dança
Pois tem medo dos espinhos

Urso cantou uma canção
O macaco respondeu
O sapo fez o refrão
Diz que a terra estremeceu.

O elefante ficou zangado
Nervoso, não quis dançar

Eu aqui sou delegado
Precisam me respeitar
E que o macaco implicante
Começou a criticar
Dizendo que o elefante
Era feio para dançar

O macaco não obedeceu
E continuou a insultar
Ele é maior do que eu
Mas não dá pra começar

O lobo chamou o veado!
É melhor irmos embora
O macaco está embriagado
Vai ter briga, não demora

A discussão deu em nada
E a festa continuou.
Mas veio uma chuvarada
Por isso o baile acabou

O exilado

Eu não esqueço aquele dia:
A vez primeira que li
Era uma linda poesia
E a emoção que senti

O meu autor predileto
O imortal Gonçalves Dias
Eu lia com muito afeto
Os seus livros de poesias

Pobre poeta exilado
Na terra que não é sua
Sente saudades dos prados
Das nossas noites de lua.

Minha terra tem brilhante
Nosso céu é cor de anil
O poeta lá mui distante
Tem saudades do Brasil.

O que fez o Gonçalves Dias
Para ser um exilado?
Será que escrever poesias
É pecado?

Em que pensas?

Em que pensas querida?
– Na vida
Tu pensares na vida...
Por quê?

Reclina aqui no meu peito
Eu tenho o direito
De pensar por você.

Longe querida eu sofri,
E senti
Profunda saudade!
Procurei-lhe para revelar-lhe
Que hei de amar-lhe
Com toda sinceridade.

Amo-lhe com amor profundo
Neste mundo:
Senti, a minha vida fenece
Você é tão carinhosa
E formosa
E o meu afeto não arrefece.

Carta de luto

Ela usava um azul*
E contemplava o céu da mesma cor.
Olhava triste a direção do sul
Lá onde estava o seu grande amor.

Dizia triste, o que será meu Deus!
Qual é o motivo que ele não regressa
Disse-me um dia: o meu coração é teu
Era mentira e falsa esta promessa...

Por que não cumpre o homem o que diz?
Por que Deus meu o fizeste infiel assim?
Reconheço que não mais serei feliz
Se aquele ingrato não voltar a mim

Aquele beijo, cálido e sedutor
Aquele olhar puro, ingênuo e santo
Disse-me um dia sois meu grande amor
E com saudades prorrompeu-se em pranto

Por que é que o destino nos reserva ironias
Que nos deixam tristes e desiludidos?

A notícia que a carta lhe transmitia
Não penses em mim foste substituída

Aí vem gente. Um ruído escuto.
É ilusão. Ninguém recorda quem sou eu
Era o carteiro com uma carta de luto
Ela chorava o grande amor que morreu

Quando lhe disse hei de amar-lhe
[eternamente
Era ingênua por isso acreditava
Mas agora ele estava ausente
O seu coração sensível despedaçava

Não brinca com a mulher!
É a pior coisa que existe
São poucas as que nos deixam alegres
E são milhares que nos deixam tristes.

* Assim no original.

Atualidades

Encontrei-me com uma senhora
De fisionomia abatida
Perguntei-lhe por que chora?
Já estou exausta e vencida.

Não mais dá gosto em viver
Que luta! Que aflição
Oh! Deus que hei de fazer
Dá-me tua proteção.

Trabalho o ano inteiro
Nem um dia posso perder
Luto e não tenho dinheiro
E nem pão para comer.

Tenho medo de enlouquecer
Oh! existência oprimida
Não sei quem é que vai deter
O alto custo da vida.

Não sei porque estou vivendo
Se me falta até a ilusão
É uma forma de ir morrendo
Lentamente, à prestação.

Vivo falando sozinho
Extravasando a minha dor
Recordando a época que eu tinha
Tranquilidade interior.

Não mais posso trabalhar
Punigente é a minha condição
E se eu for mendigar?
Ameaçam-me com a prisão.

Não percebem as autoridades
Que já estou aprisionada
Com estas dificuldades
Que sou uma desgraçada?

A velha rota e revoltada
Tudo o que sofreu narrou-se.
Vivo ao léu sem ter morada
O mundo do pobre acabou-se.

Deus! é a única esperança
Desta classe sem apoio certo
Luta e sofre por fim se cansa
Igual ao viajante no deserto.

A vida

A vida é concernente
Aos que dela tiram proveito.
Eu sofro horrivelmente
Ao ver o meu sonho desfeito
Será banalidade...
Sonhar com a felicidade?

No auge dos sofrimentos
Quem não maldiz a sua sorte
Todos nós temos momentos
Que desejamos a morte
Breve: quem sabe farei
A viagem da eternidade
Recordações levarei
Não sei se deixo saudades.

Não tenho mãe para chorar
A perda do filho amado
Sou uma ave sem lar
Um infausto exilado.
Vivo ao céu sem ter abrigo
Somente Deus é o meu amigo

Noite de São João

Por que é que estais tão triste?
É alguma desilusão?
É uma saudade que existe
Dentro do meu coração.

Eu percebi que a saudade
Traz imensas recordações.
Meus tempos de mocidade
E nós soltávamos os balões.
Rezávamos para São João!
Pedindo-lhe proteção.
Ao redor de uma fogueira
Eu, minha mãe e meus tios
Cantávamos a noite inteira
Catiras e desafios.

Agora estou na cidade
Bem longe do meu sertão
Às vezes tenho saudades
Das noites de São João.

Reminiscências

Quando criança contemplava o céu
Quantas belezas lá devem existir
Se eu pudesse deixar a terra
Com as estrelas quero residir.

Com as desídias que via
Ia distanciando do mundo
Onde uns cantavam outros sofriam
Desgostos profundos.

Quando criança, tudo é diferente
A gente brinca e o tempo passa
O mundo é belo para o inocente
Que desconhece amarga taça.

Hoje vivo a chorar saudosa
A minha infância tão bela
Que quadra pundonorosa
Não mais esqueço-me dela.

De manhã pegava a enxada
Ia pra roça trabalhar
À tarde estava cansada
Jantava, ia-me deitar.

Dá-me as rosas

No campo em que eu repousar
Solitária e tenebrosa
Eu vos peço para adornar
O meu jazigo com as rosas

As flores são formosas
Aos olhos de um poeta
Dentre todas são as rosas
A minha flor predileta

Se a afeiçoares aos versos inocentes
Que deixo escritos aqui
E quiseses ofertar-me um presente
Dá-me as rosas que pedi.

Agradeço-lhe com fervor
Desde já o meu obrigado
Se me lewares esta flor
No dia dos finados.

Ao meu amor

Hei de amar-lhe até morrer
De alma e de coração
Não mais hei de esquecer
Esta tua ingratidão.
Foi você na minha vida
Que o meu coração amou
Hoje por ti sou esquecida:
Tudo para mim... acabou!

O meu coração não resiste
À dor que no meu peito mora
No mundo eu vivo tão triste
Porque ninguém me adora
Nos beijos encontrei espinhos
No abraço a traição
Eu procuro é o carinho
Para alegrar o meu coração.

Não sabes tu como eu fico:
Tristonha e desiludida
Este amor que eu te dedico:
E não ser correspondida

Tristeza

Eu tive um grande desgosto
Que ando com os olhos fixos no chão
Trago estampado no meu rosto
O que sofre o meu coração
Eu vivo no mundo a esmo
Nada mais me reconforta
Às vezes pergunto a mim mesmo
Se estou viva ou se estou morta

A vida não tem beleza
Com agruras no coração
Quem inventou a tristeza?
Não merece congratulação.
Eu não gosto de chorar
Pudesse eu viver cantando
Mas quem nasce para penar
O fim é morrer penando.

Não sei que tristeza é esta
Que em mim criou raiz
É uma coisa funesta
Que não me deixa ser feliz.

Hipocrisia

Há os que nos tratam com ingratidão
Nos causando imensas dores
Mas quando estamos mortos no caixão
Vêm adornar o nosso corpo com flores.
Há os que ferem a nossa sensibilidade
Nos desprezando sem clemência
Quando partimos para a eternidade
É que nos tratam com decência

Em vida só sabem nos martirizar
Palavras rudes não nos confortam
Peço-lhe: para não chorar
Quando me vires morta.
Quando o esquife baixa na sepultura
O espírito sorri de contentamento
Porque vai findar o meu sofrimento
Extinguir a minha agrura.
Quando eu morrer
Não levarei recordação
Pois foi duro o meu viver
Com as atribulações.

O juiz

Você sabe que eu tenho pena
De ver-lhe por detrás das grades
Mas o juiz julga e condena
Sem imparcialidade
Peço-lhe que não transvie
Dá valor à liberdade
Ser livre... que alegria
Quanta felicidade.

Quem inicia a vida errando
Quem não sabe obedecer
É infeliz, está armazenando
Agruras no seu viver.
Existem os baixos na estatura
E que são altos na dignidade
Os tipos que acatam a lisura
E vivem na probidade.

Estes não temem o juiz!
Porque vivem na retidão
Candidato a ser sempre feliz
Sem o receio da prisão.

Sonhei

Sonhei que estava morta
Vi um corpo no caixão
Em vez de flores eram livros
Que estavam nas minhas mãos
Sonhei que estava estendida
No cimo de uma mesa
Vi o meu corpo sem vida
Entre quatro velas acesas

Ao lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração
Ao bom Deus ele implorava
Para dar-me a salvação
Suplicava ao Pai Eterno
Para amenizar o meu sofrimento
Não me enviar para o inferno
Que deve ser um tormento

Ele deu-me a extrema-unção
Quanta ternura notei
Quando foi fechar o caixão
Eu sorri... e despertei.

O prisioneiro

Numa gaiola habitava
Um pobre canarinho
Para não chorar cantava
Ao recordar o seu ninho
Viver no cárcere insonte
Como é bela a liberdade
Eu quero rever os montes
Libertai-me destas grades.

Saudades dos dias quentes
Quando o sol descortinava
Em bando alegremente
Nos prados voejava.
Vivo nesta prisão...
Triste tenebridade
Não violei a retidão
Eu mereço a liberdade.

E na imensa ansiedade
Levava o tempo a esforçar
Conseguiu romper as grades
Rever o querido lar.

Não encontrou o lar saudoso
Nem os amigos de outrora
E num pranto copioso
Volveu-se para a gaiola
O seu gorjeio estentóreo
Pouco a pouco emudeceu
Às vezes fitava o céu
E de saudades morreu.

A ave no seu passado
Fazia uma revisão
Para ver se havia errado
E se era justa a sua prisão
Oh! quanta infelicidade
O meu destino é atroz
Eu perdi a liberdade
Por causa da minha voz.

Minha pátria

A solidão me torturava
Era um inópio no amor *
Alguma coisa faltava
Para acalmar a minha dor
Minha pátria era sombria
Fui viver em outro país
Sem amor sem alegria
Longe talvez serei feliz.

Vaguei montes vales e serras
Nada era semelhante
Nada iguala a minha terra
O meu sol é mais brilhante
Ao fitar a imensidão
Notei, o céu não era tão azul
E faltava a constelação
O nosso Cruzeiro do Sul.

O airoso cair da tarde
Contemplei o sol no horizonte
E senti imensa saudade
O meu Brasil tão distante.

As flores não eram belas
As nossas são mais fagueiras
Faltavam as cores amarelas
Que ornaram a nossa bandeira
Às flores de outras terras
Faltam vivacidades
As belas flores são as que encerram
Amores e tranqüilidades.

O idioma é diferente
Aspirações é pugil *
Não posso viver contente
Longe do meu Brasil
Quê é um país proeminente
Na sua grande extensão.

O Brasil é um continente
Que está no meu coração
Aqui na minha terra sou rei!
Lá eu era um estrangeiro
Que alegria quando regresssei
Com orgulho de ser brasileiro.

* Assim no original.

Rico e pobre

Bateu na porta: era a pobreza
Recebi altiva: era a riqueza
– O que vens aqui fazer?
A pobre soluçando diz:
– Riqueza eu sou infeliz!
Venho pedir-lhe para comer.

Levanta altiva a riqueza
Recolhe as migalhas da mesa
Dá à pobre e vira-lhe as costas
Que Deus lhe aumente senhora
A rica não deu resposta
E a pobre de alegria chora.

Pobre quando ganha esmola
Com qualquer coisa se consola
Reza para o seu bem-feitor
E nunca mais ele o esquece
Recomenda-o na prece
Que envia ao Nosso Senhor.

O devoto

Quando tange o campanário.....

O velho pega o rosário

Ajoelha aos pés do oratório,

Há uma vela sempre acesa

Para que Deus lhe proteja

Do fogo do purgatório

A sua mãe lhe dizia

Que o purgatório é onde expia

Ensinou-lhe a ser cristão.

Quando tancia o campanário

Ela pegava o seu rosário

E rezava uma oração.

Quando criança rezava

Porque a mãe lhe obrigava

Ir na missa todos os dias.

Quando o sol declinava

A família ajoelhava

E orava Ave-Maria.

Um dia a mãe expirou

Nunca mais ele rezou

E desprezou a religião.

Andava com as más companhias

E acabou os seus dias
Nas grades de uma prisão.
Todos nós devemos orar
Ir na missa e confessar
Seguir a santa religião.
Devemos honrar os padres
Ouvir os conselhos das madres
Para a nossa salvação.

O pequenino

Encontrei um pequenino
Vagando ao léu sem destino
Sem ter onde descansar
Talvez lhe falte um amigo
Tem o aspecto de um mendigo
O infeliz não tem lar.

Quando souber meditar
Entristece e vai chorar
Tudo é sombrio ao teu redor
É uma haste abandonada
E por não ser cultivada
Não tem viço. Não dá flor.

O infeliz não vai à escola
Passa os dias pedindo esmola
E não aprende uma profissão
Quando este infausto crescer
— O que vai ser?

Um hóspede da prisão

Súplica de um cego

Jesus!
Tenha de mim piedade
Dai-me, eu vos peço a luz.
Faça-me esta caridade
Oh! Se eu pudesse clisar
Estas estrelas a brilhar.
Do sol eu sinto o calor
Mas, não sei qual é a sua cor.

Dizem que o sol é amarelo
E à noite, o céu é belo.

Eu vivo na escuridão
Guiado por outras mãos
Ouço falar n'alvorada
No romper da madrugada
Nas lindas tardes de abril
E que é lindo o meu Brasil.

Maria Rita

Na minha palhoça
Era eu e a cabrocha
A querida Maria Rita
Do sertão a mais bonita.

Nossa casinha
Era muito bonitinha
Era um ninho de amor
Toda enfeitada de flor.
Quando eu chegava
A Maria Rita eu abraçava.

Eu tocava o violão
Ela cantava uma canção.

Fui passear.
Se eu pudesse adivinhar
Que ia me encontrar com o Mané João

O ricaço do sertão
Que olhou a Rita
Minha cabrocha bonita
Disse-lhe: meu doce amor
Minha querida minha flor.

Depois daquele dia
A cabrocha não sorria

Eu comecei a pensar:
Maria vai me deixar!
Não enganei
À tarde não a encontrei
A cabrocha foi-se embora
Com certeza não me adora.

Não sei porque
Tive vontade de morrer
Quando a notícia espalhou
Que a cabocla me deixou

Mané João
O ricaço lá do sertão
De todos roubava o amor
E a ninguém dava valor

Ela foi-se embora!
Ninguém sabe aonde mora
Foi pra longe e me deixou
Minha palhoça abandonou

Triste, eu estou
Tudo pra mim acabou
Penso na ingratidão
Desta mulher sem coração.

Maria Rosa

Maria Rosa

Uma cabrocha formosa
Era alegria do sertão
Nas noites de São João
Olhei pra ela.
Nunca vi coisa mais bela
Era faceira e dengosa
Casei com a Maria Rosa.

Nada faltava

Na casinha que eu morava
Tudo lá era alegria
Com os encantos de Maria.

Apareceu

Um moço lá da cidade
A ingrata esqueceu
A nossa velha amizade.

Desde este dia

Nunca mais tive alegria
Tudo para mim se acabou
Porque a Maria me deixou

Eu cantava

Um samba-canção
Da cabocla eu recordava,
Sem ela é triste o meu sertão
Ela voltou.

O meu perdão implorou
O caboclo sabe amar
Mas é difícil perdoar.

Me deixa em paz,

Porque eu não te quero mais
A cidade é o teu prazer
É lá que tu deves viver.
Não posso te amar.
Tudo entre nós morreu.
Você nunca há de encontrar
Um amor sincero igual ao meu.

Roguei-lhe praga!
Pela sua ingratidão.
Ela deixou uma chaga
Dentro do meu coração.

Ela voltou!

Disse que sentiu saudade

E que não se habituou
Com os rumores da cidade.

Pediu perdão,
Pelo mal que cometeu
Destruiu aquela afeição
E o nosso amor morreu.

Ela disse: tenho fome.

Quero viver só contigo.
A mulher que engana um homem
Merece este castigo!
Deu-me um beijo. E me abraçou
Querendo me convencer.
Mas o mal que praticou
Eu não consigo esquecer.

Dizem que ela está magoada.
Chora. E nada mais lhe consola.
Está sempre embriagada.
Não trabalha. Pede esmola.

Evocação

Quando eu era menina
Foi tão agra a minha sina
Porque eu não fui feliz
A minha mãe internou-me
Num colégio de juiz.

Passei anos reclusa
Nada posso contar da vida
Pois não tinha liberdade.
Às vezes me ponho a pensar
Como é triste recordar
Não tive nem amizade.

Às vezes tinha vontade
De correr e brincar na rua
Só conheci a severidade
A disciplina e a cafua.
Que infância atribulada
Deixou-me amargurada
Meus pais me preteriram...
E me destruíram.
E se a morte chegar na porta
Pode entrar: que já estou morta

A velhice e a mocidade

Apoiada a um bordão
Olhar triste e cansado
Ela faz a revisão
Do seu infausto passado.
É uma velha a meditar
Que grande mágoa lhe invade
Na expressão do olhar
Revela dor e saudade.

Eis que por perto passava
Uma jovem de alma pura
Vendo que a velha chorava
Quis saber suas desventuras
A jovem fagueira e bela
Como o despontar d'aurora
Aproximou-se dela
E perguntou: por que chora?

Ela citava suas amarguras
E a jovem atenta ouvia
Eram frases obscuras
Que ela desconhecia.

A mocidade disse:
Comove-me o teu sofrer
Mas quando surge a velhice
Em nada achamos prazer.
Veja o prado que floresce
É a primavera querida!
Contempla este quadro, esquece
As decadências da vida.

Não conheces a saudade.
De nada tens experiência
Ela nos procura à tarde
Quase ao findar da existência.

Aos teus olhos o mundo aparece
Cheio de encanto e grandeza
Aqueles que já o conhecem...
Em nada encontram beleza.
Desconheces os desganhos
De alguém que nos faz sofrer
Mas com o decorrer dos anos
Tu hás de compreender
E a velhice triste seguiu
E a mocidade alegre sorriu.

O filho

Os pais devem saber que é pecado
Deixar o filho abandonado
Ele cresce desleixado
Não será um homem honrado
Por não ser orientado.
Se nos estudos for reprovado
Cria complexos, é revoltado
Há de ser um transviado
E será péssimo empregado
Fica rústico, indelicado
E no exército é desclassificado
Será imaturo para o casamento
E a esposa só terá o sofrimento.

A mãe tem a responsabilidade
De incutir-lhe belas qualidades
Bom exemplo o pai deve dar-lhe
Para o filho imitar-lhe.
Um homem molecote incidente
Não tem classe para ser um pai decente
Para o filho não ser infeliz tem que ser
[útil aos pais]

Quando a sua mãe falar
O filho deve concordar
O desejo de mãe é que o filho seja correto
Porque o filho é sua jóia, e seu afeto
Não anda com a má companhia
Porque você transvia-se.

Se uma boa ação você praticar
A tua mãe vai rejubilar-se
O filho deve ser sempre decente
Para a mãe viver contente.
Se praticares um ato prejudicial
Para a tua mãe é um golpe mortal
O filho que acatar a honestidade
A mãe vive com tranqüilidade
Se o teu caráter é íntegro e puro.

A mãe não teme o teu futuro
Sendo um homem sério na vida
A mãe fica alegre e convencida
Ela pensa em ti todos os momentos
És hóspede do seu pensamento
Se o filho leva a vida errada
A mãe é triste e amargurada
Se o filho aprende uma profissão

Para a mãe, Oh! Que satisfação.
O teu nome deves saber honrar
Para a tua mãe não chorar
Tua mãe é uma jóia sagrada.....
Que deve ser considerada
Se você é um homem direito
Deve tratá-la com respeito

Quando vê o filho sofrer
Acha insípido o seu viver
Mãe suplanta o advogado
Quando vê o seu filho caluniado
Quando o filho está doente
Ela reza diariamente
Transforma-se em enfermeira
Velando-o a noite inteira
Para criá-lo, quantos sacrifícios
Não lhe recompenses com os cilícios
Porque a luta é exaustiva
Tua mãe é a tua cativa
A mãe gosta de fazer
Tudo que lhe dá prazer
O que gosta de trabalhar
A mãe gosta de elogiá-lo.

Quando o filho está embriagado
Não dá gosto ficar ao seu lado
O que cumpre o seu dever
Para a mãe é um prazer
O que não viola a lei
Para a mãe é um semi-rei
Porque a mãe lhe tem amizade.

Quer vê-lo viver uma vida eternidade *
E a mãe quer a paz na terra
Para o filho não ir na guerra
A mãe a Deus pede auxílio
Para proteger o seu filho
Com devoção e fé
E seja o que Deus quiser!

* Assim no original.

Meus filhos

Vou internar os meus filhos
Meus tesouros prediletos
Ficam lá sem os meus carinhos
Sem ósculos e sem afetos.....

Será que eu vou resistir
À dor da separação?
Despertar e não ouvir
Mamãe eu quero pão
Como é agro o meu viver
Só Deus sabe o meu estado
Não sei como hei de fazer
Sem os meus filhos ao meu lado

Meu Deus vou sucumbir
Quando os meus filhos zarparem-se
A saudade vai interferir-me
Mas hei de resignar-me
Sou uma mísera poetisa
Às vezes falta-me o pão
Por isso fico indecisa
Sem saber se os interno ou não.

Quadros

Meu São Paulo enigmático
Ora é frio, ora é calor
Mesmo assim te quero bem
Mesmo assim tenho-lhe amor.

São Paulo é o coração
Deste grande nobre país
O que deixa o seu torrão
Em São Paulo há de ser feliz.

Choro: não sei o que faço
Que luta! que aflição!
Tenho um homem nos braços
E outro no meu coração.

É a verdade o que vos digo:
E que sirva de lição,
Não confia no teu amigo
Guarda a tua provisão.

Gosto de olhar a cruz
Ela é o símbolo da fé
Onde morreu Jesus
O filho de São José.

Passei pelo mundo sofrendo
Não realizei as minhas vocações
E pouco a pouco fui perdendo
Ideal e todas ilusões.

Aos teus pés chorando venho
Implorar o teu perdão
Sem ti querido não tenho
Nem prazer nem ilusão.

Sois belo igual aurora
Que espalha o seu esplendor
Desde quando foste embora
Multiplicou a minha dor.

Querido! Você é um santo
Quero ver-te em um altar
Peço-te que não deixes
Outra mulher te beijar.

Reconheço que te amo
E o meu amor é profundo
É por isso que eu penso
Que sou feliz neste mundo.

A vida ensinou a suportar
Todas as consequências
A não reclamar
A ter fé e paciência.

Querido! Amo-te tanto
Sempre hei de te venerar
Imploro-lhe que não deixes
Outra mulher te acariciar.

Ninguém gosta de perder
As pessoas que adora
O meu amor me faz sofrer
Quando diz: vou-me embora.

Dormi uma noite na areia
Na linda praia de Guarujá
Despertei às seis e meia
Com o gorjeio de um sabiá.

Meu Deus! Quem é que não sente?
Jesus quem é que não chora?
Ao ver sofrer neste mundo
Pessoas que a gente adora?

És tudo para mim no mundo!
Amo-te com imenso ardor
Os teus beijos são tão doces
Deixou-me louca de amor.

O nosso viver coincide
Pobre canarinho amigo
Tu vives numa gaiola
Eu na prisão por castigo.

Há uma diferença entre nós
Eu sou mau, tu és carinhoso.
Você está preso por causa da tua voz
E eu... porque sou um criminoso.

Jesus tem dó de mim
Creio que sou vossa filha
Não me deixes viver assim
Faminta e maltrapilha.

Quando eu morrer, meu Deus!
Aos teus braços me conduz
Porque a glória da terra
É falsa e não me seduz.

Todos a mim tratam bem
Mesmo assim não sou feliz
Tenho saudades de alguém
Que eu amei. E não quis.

Há quem pensa que eu te amo,
Mas eu afirmo que não.
Sabe, eu sou feita de pedra:
Pedra não tem coração.

Regressaste desiludida,
Dizendo-me: não sou feliz!
Deturpaste a minha vida
Como eu ninguém lhe quis.

Quero-lhe propor um negócio
De sociedade contigo,
Eu soube que tu tens dinheiro
Por que não te casas comigo?

Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.

Que vontade de chorar!
Que tristeza interior!
Não posso me conformar
Com a ausência do meu amor.

Todos a mim tratam bem
Mesmo assim não estou contente
Eu queria que alguém
Voltasse a mim novamente.

Tenho muita consciência,
Tenho senso e tenho noção,
Tenho dentro do meu peito
Nobre e bom coração.

O sol ama a lua
E deu-lhe uma flor.
Eu quero dar um beijo
No homem, que lhe tenho amor.

O meu amor brigou comigo
Veja só que ingratidão
Devolveu o meu retrato
Magoou o meu coração.

Sou no mundo um peregrino.
Não sei o que seja prazer,
Pra que lutar contra o destino
Se eu nasci para sofrer?

Saio de casa não deixo nada
Nem um pedacinho de pão,
Deixo minhas roupas molhadas
Não as lavo por não ter sabão.

Que luta para viver
Quantas dificuldades
Um pobre quando morrer
Não pode levar saudades...

A solidão me entristece
Vivo ocultando uma dor
Como é triste viver só
Sem carinho e sem amor.

Eu disse que te amava
Mas tudo foi brincadeira
Nos negócios eu sou sincera
No amor sou trapaceira.

Em que vives a meditar?
És triste e desiludida
Se eu pudesse modificar
O curso de minha vida!

Há pessoas que no auge do sofrer
Dizem: sou bom, sempre pratiquei o bem.
Somente Cristo é que pode dizer:
Eu nunca fiz mal a ninguém.

Vivo aqui abandonada
Como é triste a solidão,
O teu desprezo é como espada
A perfurar-me o coração.

Quem revela ser amigo de verdade
É aquele que nos procura na aflição
Quando atingidos pela enfermidade
Quando estamos sozinhos na prisão.

Quem assim me ver cantando
Transbordando tanta alegria
É que eu vivo pensando
No meu amor noite e dia.

Os poetas que passaram
Construíram castelos no ar
E quase todos idealizaram
.....
Somente os sonhos para sonhar.

A morte quando vem
.....
Não passa telegrama
Morre quem está de pé
Morre quem está na cama.

Quem assim me vir cantando
Creio que não vai me invejar
Só por dentro estou chorando
Mas não compensa lamentar.

Quem assim me vir sorrindo
Transbordando tanta alegria
Não sabe o que estou sentindo
Desconhecem a minha agonia.

O pobre não deve revoltar-se
Por ser pobre deve até dizer:
Com orgulho: foi entre os pobres
Que Jesus preferiu nascer.

Às vezes tenho saudades
Da minha quadra inocente
Desconhecia adversidade
Que atinge a vida da gente.

Há lágrima para surgir
Deriva de uma emoção
Das agruras que vêm ferir
A alma e o coração.

A tristeza veio visitar
O meu mísero coração
E disse que vai ficar
Sem pedir-me permissão.

O enquanto viver
Não deve errar na vida
Quem erra não pode ter
A cabeça erguida.

Eu sempre fui vaidosa
Mas o destino comigo foi cruel
Obrigando-me a andar andrajoso
Pelas ruas catando papel.

Num país subdesenvolvido
Onde o povo não vai à escola
Por não ser bem esclarecido
O que aprende é pedir esmola.

O mundo inteiro
Pensa em algo qualquer
Há quem pensa no dinheiro
Há quem pensa na mulher.

Agora que estou na maturidade
Arrendo-me do mal que te fiz
Fui um esbulho na tua vida
Não te deixando ser feliz.

Eu era triste, queria morrer!
Mas restituíste-me o sorriso
É que Deus vendo-me sofrer
Enviou-te lá do paraíso.

Jesus Cristo ficou famoso
Porque as suas ações eram nobres
Angariou muitos amigos
Porque é o líder dos pobres.

O sofrimento de Cristo foi demais
Tudo ele suportou e venceu
Horrorizado disse-lhe o satanás
Tu... és maior do que eu.

Estou exausta. Esmoreço
Deus! Tenha de mim piedade
Peço-te dá-me o endereço
Da felicidade.

Seguia um pobre indigente
Sua vida infausta era uma cruz
E pedia diariamente
A proteção de Jesus.

O empregado tem o dever
De bem servir o patrão
Porque o serviço bem feito
É uma recomendação.

Gosto de conversar com os pobres
Que não cursaram universidade
Eles são simples e sinceros
E não dizem banalidades.

Nunca desprezem as pessoas
Por estarem esfarrapadas
Há os que vestem roupas boas
E praticam as coisas erradas.

Velhice é coisa maldita
Quando não se tem saúde
Quando o velho necessita
Do auxílio da juventude.

Quando a fatalidade nos atinge
Temos que enfrentá-la com tenacidade
Tem certos tipos que por ter dinheiro
Querem viver como se fossem majestade.

Peço-te para não chorar
Quando me vires morta na mesa
Pois não soubeste me tratar
Com carinho e delicadeza.

O homem tem que lutar
É feio ser vagabundo
O que não gosta de trabalhar
É péssimo hóspede no mundo.

Tu não deves ser um homem pueril
Sem nenhuma utilidade
Tipos que causam ao Brasil
Vergonha e infelicidade.

Não devemos negociar
Com o medíocre e trapaceiro
Devemos nos separar
Cada porco no seu chiqueiro.

Foi tão triste a minha vida
Sofri, chorei, que desventura
O meu sofrimento não vai caber
Dentro da minha sepultura.

O homem deve ter elegância
Não praticar ato pueril
Os atos com ignorância
Empobrecem o nosso Brasil.

Deus não faz omissão
No seu justo pedido
Peça-lhe com devoção
E há de ser atendido.

Abraão Lincoln não deveria morrer
De um modo trágico e brutal
Vieste ao mundo para fazer
O bem e não o mal.

Quando eu era menina
Tinha pensar esquisito
Via doces na vitrina
Desejava ser mosquito.

Ninguém amou a poesia
Certamente mais do que eu
Nem mesmo Gonçalves Dias
Nem Casimiro de Abreu.

De mim não sentes saudades?
Não. É porque não tens amor
Percebi que a nossa amizade
É haste que não dá flor.

Não mais tenho alegria
O que devo fazer agora
Aquele que eu mais queria
Sem motivos foi-se embora.

A tua ausência me escraviza
Eu sofro constantemente
Tua presença é que leniza
Esta tortura pungente.

Descobri a minha enfermidade
É tão grave esta doença
Ela chama-se saudade
E surgiu com a tua ausência.

Minha existência é sombria
Vivo tão só neste mundo
Minha amiga é a poesia
Que não me deixa um segundo.

Coisa que eu não tenho inveja
É da mulher que é casada
Quando ela pede comida.
O marido quer dar pancada.

Como sofreram os favelados
Da favela do Vergueiro
Vivem todos misturados
Como os porcos no chiqueiro.

Dizem que amor é pecado
Eu ao amar não me rendo
Eu vejo que os que têm amores
Vivem brigando e sofrendo.

Desejo ter uma casa com jardim
Feita só pára nós dois
Se você não gostar de mim
O amor virá depois.

Eu te amo. Eu te venero
O meu afeto é profundo
Você é uma das coisas que quero
Neste mundo.

Minha renda é tão precária
Que às vezes passo privação
Com a fama de milionária
E sem tostão.

Quem me dera enlouquecer!
Era um ponto final na tribulação
Como é agro o meu viver
Ganho unidade, e gasto um milhão.

Um caipira

Que visitando a cidade de
São Paulo, não podendo andar
Livresmente pelas ruas, disse:

Eu não gosto de São Paulo!
Eu vou dizer qual é a razão
É que o raio destes *chauffers*
Não são firmes na direção.
Outro dia quase que fiquei
Por debaixo de um caminhão.
Eles andam pelas vias
Parecendo um furacão.
Eu não posso levar susto
Que eu soffro do coração.
Tem carro que anda no ar
Não pousa a roda no chão.
Os *chauffers* querem apostar
Corrida com o avião.
Eu aqui nesta cidade
Não tenho tranqüilidade
Corro mais do que um veado
Tenho que tomar cuidado

Para não ser atropelado.
Ao sair da favela, cantei
Sentindo um prazer interno,
Mas foi depois que eu notei
Não era o céu, era o inferno.

Não quero que ninguém passe
Neste núcleo o que eu passei
Que não entre neste falso
Paraíso onde eu entrei.

Eu andava toda trapuda
Como um Judas
Pelas ruas da cidade

Eu estava vasculhando
Procurando
A dona felicidade.

Ela é muito poderosa
E orgulhosa
Tem fobia dos homens pobres
Gosta de bajular
E auxiliar...
Os nobres.

Como passa os teus dias?
Neste recanto solitário
.....Tenho inúmeras alegrias
Com o meu esposo imaginário.

Deus disse, paz na terra
Ao homem de boa vontade.
Não mandou fazer a guerra
Que dizima a humanidade.

Que luta! Que estertor!
Que em vida o homem sente
Quem mais sofre é o escritor,
Quando morre interiormente.

Entrei no meio deste povo.
E fiquei tão desiludida
A única coisa que eles fizeram
Foi: complicar a minha vida.

O homem

Em vida o homem é escritor
É doutor,
É senador,
É majestade.
Assim ele se discrimina,
Mas na campa predomina
A igualdade.

E o orgulho então finaliza.
O homem não mais precisa
De brasão.

Vai para o campo silencioso
E tenebroso
Dentro de um caixão
E na campa ele estará só.
Na campa ele é apenas pó.

Anseio

É tão triste a minha vida...
Não conheci mãe nem pai,
Sou como a folha despreendida
Que ao sopro do vento vai.
Nunca amei. Não tenho amante
Não sei o que seja afeição
Sou uma andorinha errante
Que anda vagando em vão.

Por que me desprezas assim?
Eu nunca fui preferida
Quando alguém gostar de mim
Terei então prazer na vida.
O meu coração está ansioso
Para abrigar a alguém
Amável, belo e carinhoso,
E que me queira muito bem.

Não há de magoar-me em nada
E que não canse a minha paciência.
Então serei uma felizarda
Hei de gostar da minha existência.

Por que chora?

Poeta por que chora?
É uma dor e uma saudade
Meus tempos de outrora
A minha felicidade.

É uma saudade que mata
Saudade do meu amor
Saudade de uma ingrata
Que não soube dar-me valor.

Saudade de uma mulher
A quem dei o meu coração.
Foi-se embora, nem sequer
Disse-me qual a razão.
Vivo tristonho vagando
Não tenho destino a seguir
Sabe o que estou esperando?
A minha amada surgir.

Os que amam com sinceridade
Choram, se o amor está ausente
Para haver a felicidade
O amor deve estar presente.

Hino ao amor

Todas vidas têm um drama,
Só a infância tem comédia,
Quando a gente cresce e ama
É que conhece a tragédia.

Quando no amor é correspondida,
Duplica-se a nossa ilusão.
Quando se é preterida,
Que mágoa no coração!

Quando o homem nos tem amor,
A mulher acha lindo o seu viver.
Se lhe pretere: que estertor!
Blasfema chora e quer morrer.

Quando o homem nos acarícia,
Como é sublime o mundo.
Quando fere com ironia,
Oh! Que desgosto profundo!

O néctar que se chama amor
Está no centro do coração,

Tem a fragância da flor,
Produz alegria e ilusão.

Vendo-te fiquei extasiado,
Pensei que eras uma santa.
Depois de haver-lhe contemplado
Para mim ninguém te suplanta.
Contigo quero construir um lar
Com o alicerce da felicidade.
Com os meus deveres não hei de faltar.
Exijo só a fidelidade.

Kennedy

Quando penso no Kennedy, coitado!
Choro e sinto saudade.

Era um homem super-ajustado
Era o orgulho da humanidade.

Kennedy foi o orgulho do mundo

Não derramou o sangue do seu semelhante
Foi um homem de saber reto e profundo
Não mais terá outro que lhe suplante.

Kennedy não mais terá sucessor
Que lhe suplante nas qualidades
Revelou-se homem de valor.

Nos proporcionou tranquilidades.
Kennedy dedicou-se ao mundo

Reprovava o preconceito
Com o seu conhecimento profundo

Deveria ser reeleito

Os povos incultos o ceifaram

Do seio da humanidade

São os medíocres que não notaram suas
[belas qualidades

Que no céu esteja em paz

Porque na terra foste um senhor.

Que falta imensa nos faz!

Dos negros, era o protetor.

Kennedy grande estadista

Nasceu para governar.

Era bom... não foi egoísta

Distribuía só o bem-estar.

Quem mata o seu semelhante

Revela a sua índole de maldade

Atos ferozes que são o comprovante

Da ignorância e da perversidade.

Kennedy era imparcial,

Sem motivo foi assassinado

Era bom, justo e leal

Há de ser sempre venerado.

Kennedy não foi genocida

Não ceifou vida.

Aqui deixo meu ódio eterno...

Quem matou o Kennedy que vá...
Para o inferno.

O expedicionário

Esta pátria me pertence.....
E a mim ninguém convence
Por ela hei de morrer.
Não sou revolucionário
Apenas um expedicionário
Que o Brasil foi defender.

Esta pátria tem valor
Hei de ser o seu defensor
Mesmo perdendo a minha vida.
Mas enquanto eu respirar
Ninguém há de violar
Meu Brasil, pátria querida.

Nas guerras os homens embrutecem
E quantas vidas fenecem!
Que atos negros e brutais!
Os que fazem as guerras não são os pobres
São os poderosos e nobres
Sem culturas intelectuais.

As guerras atrofiam as nações
Prejudicam as populações
Cenas hediondas e abjetas!
Quem faz guerras não tem valor

Tipos néscios, destruidores.
Quantos males nos acarretam!
Se brigam reis e governadores
Para provarem os seus valores
Decretam guerras mutuamente.
Mas são os filhos dos operários
Que marcham para o calvário
E morrem tragicamente.

Quem faz guerra? é o imbecil
Seja na China ou no Brasil
Não merece o nosso louvor
Aquele que sabe governar,
Paz ao seu povo deve dar.
Não queremos o estertor!
Guerra não é bravura, nem coragem!
É um drama selvagem.

Prisão de amor

Era linda como alvorada
A alma despreocupada
Como as aves n' amplidão.
Levava a vida a cantar
Nunca pensou em amar.
O amor é uma prisão.

Cantava ao romper do dia
A todos meiga sorria,
Puro era o seu coração.
Levava a vida a cantar
Nunca pensou em amar.
O amor é uma prisão.

O sorriso que lançava
Era lindo, e cativava.
Era uma sedução.
Levava a vida a cantar
Nunca pensou em amar.
O amor é uma prisão.

Ela que a todos sorria
Eis que chegou um dia
Ouvindo uma declaração.
As frases puras e belas

Dominou a pura donzela
E habitou-se no seu coração.
Ela deixou de cantar.
Para não o magoar
Não sorriu a mais ninguém.
Ela diz diariamente
Vivo feliz e contente.
Êle é belo e me quer bem.
Eis que chegou a vez.
A morte ingrata lhe fez
Uma triste ingratidão.
Roubou-lhe o seu amor.
Ela vive a chorar de dor
Com os olhos fixos no chão.

Primeiro amor

Eu era triste e desolado.
O meu coração desabitado
Eu não tinha alegria.
Os meus longos sonhos de outrora
Realizaram-se numa hora.
Tudo em mim rejuvenescia.
Encontrei na minha estrada
Uma mulher, uma fada.
Tinha aspecto de inocência.
E desde aquele momento
Ela dominou o meu pensamento
E faz parte da minha existência.
Esta mulher querida
A quem dei a minha vida
Dissipou a minha ilusão.
Eu supunha ser bem feliz
E os sacrifícios que eu fiz
Pagou-me com ingratidão.
Era fagueira e bela
Ensinou-me a gostar dela
Jurou viver só para mim.
Para ver o meu sofrimento

Olvidou o juramento.

Por que a mulher é assim?

Sinto no meu coração

A dor da recordação.

Oh! Existência oprimida!

Se algum dia ela voltar

E o meu perdão implorar

Já está absolvida.

Na solidão do meu quarto

Eu contemplo o seu retrato

É bela. Igual uma flor.

E ele está autografado.

Dedico ao meu bem-amado,

Ao meu primeiro amor.

Visita

Visitando uma prisão
Comoveu-me o coração
Vi tristezas e ansiedades
O preso é triste e descrente
E pensa constantemente:
Na liberdade!
Ali através das grades
Ele chora. E sente saudades.

Da sua infância querida!
Do início de sua vida
Quadros de felicidades.
Na insciência errou um dia
E assim ele destruiu
Suas possibilidades.

Estátua de pedra

Amas a água que corre
O cantar de juruti
Não pensas em alguém que morre
Louco de amores por ti.

Ama o espaço deserto
As estrelas e o seu fulgor
De ti estou sempre perto
Não me dedicas amor.

Oprimir a dor pungente
Sem ter quem de mim compadece
E ainda sofrer ocultamente
Por alguém que não se esquece

Os meus sonhos, que primores...
Eram amar-lhe com ternura
Finou-se o meu amor
Dei-lhe há pouco a sepultura.

No epitáfio está escrito:
Descanse em paz, querida

Foste o meu amor infinito
A razão da minha vida.

.....
Arrebatou-lhe outros braços
Dia a dia, este amor medra
Fique imóvel, não sei o que faço.
Qual uma estátua de pedra.

Dona Leonor

Para o pobre que dorme na calçada
Que conhece na vida só o estertor
A sua alma era agasalhada
Com o carinho de D. Leonor
O pobre que não conhece o lar
Que infestã a nossa cidade
Para ele D. Leonor e Ademar
São quase divindades

O pobre que só conhece o dissabor
Que é obrigado a estender a mão
Conserva o Ademar e D. Leonor
No fundo do coração.
D. Leonor e Dr. Ademar
Merecem a nossa consagração
Porque o pobre não sabe pagar
O favor com ingratidão

Obrigada D. Leonor
Não deixava o pobre ao léu
Hás de receber uma flor
De Deus! Lá no céu.

Vidas

Nem sempre são ditosas
Vidas das pessoas famosas
Edgar Allan morre na sarjeta
Na guilhotina Maria Antonieta
Luiz de Camões teve que mendigar
Gonçalves Dias morre no mar
Casimiro de Abreu morre tuberculoso
Tomaz Gonzaga, louco furioso
Getúlio para impedir outra revolução
Suicida-se com um tiro no coração
Santos Dumont inventor do avião
Que foi utilizado na revolução
Para ver o Brasil independente
Morre na forca nosso Tiradentes
Luis XVI, rei incidente
Morre tragicamente
Sócrates foi condenado a morrer
Ciente lhe obrigaram a beber
João Batista repreendia os transviados
Foi preso e decapitado
Abraão Lincoln abolindo a escravidão
Foi morto à traição

Euclides da Cunha escritor proeminente
Sua morte foi cruelmente
Joana D'Arc vendo a França oprimida
Defendendo-a pagou com a vida
Camilo Castelo Branco foi escritor
Ficou cego, suicidou-se
Kennedy desejava a integração
Reprovaria a segregação
Foi morto à bala
Na cidade de Dallas
Jesus Cristo não foi julgado
Foi chacinado e crucificado
Com requinte de perversidade
O pior crime da humanidade.

da denúncia social. Primeiro porque a métrica e a rima que se impuseram parecem mais ordenar suas idéias do que aprisionar seu sentimento, em segundo lugar porque o "patriotismo ornamental" de poemas como Meu Brasil, Getúlio Vargas e outros já é corrigido pelo contorno espiritual do livro, um amargo catálogo de dores e sofrimentos experimentados pelos humilhados e ofendidos do País, um denso relato que, se não contém análises profundas, tem o mérito de se expor em cores fortes e linguagem direta:

Como é sacrificada

A vida do trabalhador,

O salário sobe de escada,

Os preços de elevador.

Mas além desse aspecto, o livro também impressiona pela temática amorosa, presente em boa parte dos textos. Um pedir amor e um dar amor que esbarram sempre na impossibilidade do encontro são mostrados aqui em dimensão demasiado humana. Essa utopia da integração no outro justifica o aparente lapso do poema A rosa, onde Carolina escreve que seu viver é "transitivo", quando parece que queria dizer "transitório". Transitória e transitiva é a vida que se dá a ver nessa *Antologia pessoal*.

CARLITO AZEVEDO

PAPEL CAPA

Cartão 250g/m²

PAPEL MIOLO

Polén Rustic Areia 85g/m²

IMPRESSÃO

Rebouças Reproduções Gráficas

FOTOLITO DE MIOLO

Minion Tipografia Editorial

